

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO  
(CBG)

**NICOLLE YASMIN SANTOS DA SILVA**

AS PRÁTICAS DOCUMENTAIS NA PERPETUAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ  
AFRO-BRASILEIRAS E SEUS IMPACTOS

Rio de Janeiro  
2023

NICOLLE YASMIN SANTOS DA SILVA

**AS PRÁTICAS DOCUMENTAIS NA PERPETUAÇÃO DAS RELIGIÕES DE  
MATRIZ AFRO-BRASILEIRAS E SEUS IMPACTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e  
Gestão de Unidades de Informação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Robson Santos Costa

Rio de Janeiro  
2023

## Ficha catalográfica

S586 Silva, Nicolle Yasmin Santos da  
As práticas documentais na perpetuação das religiões  
de matriz afro-brasileiras e seus impactos / Nicolle  
Yasmin Santos da Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.  
66 f./p.

Orientador: Robson Santos Costa.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de  
Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em  
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,  
2023.

1. Religiões afro-brasileiras. 2. Memória oral. 3.  
Umbanda. 4. Práticas documentais. I. Costa, Robson  
Santos, orient. II. Título.

**NICOLLE YASMIN SANTOS DA SILVA**

**AS PRÁTICAS DOCUMENTAIS NA PERPETUAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ  
AFRO-BRASILEIRAS E SEUS IMPACTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e  
Gestão de Unidades de Informação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 2023.

---

Prof. Dr. Robson Santos Costa

Orientador

---

Prof. Dr. Maria de Fátima Souza de Oliveira Barbosa

Membro interno

---

Prof. Me. Marli Azevedo

Membro externo

Aos meus pais e minha irmã que me deram todo o suporte emocional e financeiro para concluir esse sonho e por acreditarem em mim quando nem eu acreditava.

## **AGRADECIMENTOS**

Apesar de todas as dificuldades, posso dizer que consegui concluir esse sonho. Houveram diversas incertezas, pensamentos duvidosos e muita persistência, mas venho agradecer por ter conseguido.

Sou grata a Universidade por ter me proporcionado um dos melhores anos de minha vida, com possibilidades e aprendizados que a vida acadêmica sozinha não ensina, além de permitir sentir o poder que é fazer parte da história dessa instituição.

O caminho até uma faculdade desse porte não foi fácil então agradeço também aos profissionais da educação que, com um pouquinho de cada um, me tornaram a estudante que sou hoje. À escola que me formou academicamente e, principalmente como pessoa, me ensinando valores e aprendizados que não podem ser transmitidos sem amor, por isso levo o Coluni comigo em todas as minhas caminhadas. Ao pré-vestibular que me deu o suporte para realizar esse sonho que não achei que poderia se tornar realidade e me descobrir nessa profissão.

Às pessoas que não são sangue do meu sangue, mas trazem amor e leveza aos meus dias, minhas amigas de infância que me ouviram e me aconselharam em todos os momentos mais difíceis, os tornando sempre mais fáceis. Agradeço aos meus futuros colegas de profissão, e principalmente aos amigos que fiz nesse trajeto que irei carregar não só lembranças, mas verdadeiras amizades que mudaram minha vida.

Em especial aos meus pais, Hilton e Luzimar por serem os pais mais maravilhosos que uma pessoa pode querer. A sorte que tive de nascer de vocês vale pelo resto da vida. À minha irmã, agradeço a paciência, os bens materiais divididos (muitas vezes sem ela saber), o amor que compartilhamos e a parceria de uma vida inteira. Por vocês e devido a vocês, termino esse ciclo com toda a tranquilidade que me foi possível. Espero poder retribuir todo o tempo, preocupação e amor que me foi dado durante toda a vida, por isso agradeço a Deus por ter escolhido e ter sido escolhida por vocês. Amo vocês com tudo de mim!

“Procuro um amor  
Que seja bom pra mim  
Vou procurar  
Eu vou até o fim  
E eu vou tratá-la bem  
Pra que ela não tenha medo  
Quando começar  
A conhecer os meus segredos”  
(FREJAT, 2001).

## RESUMO

O presente estudo compreende e expõe os impactos que a ausência de práticas documentais podem causar às religiões de matrizes africanas e, conseqüentemente, sua memória. Apresenta como se deu o surgimento do catolicismo, do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, buscando compreender a maneira que a umbanda se formou no âmbito das religiões brasileiras. Exibe conceitos referentes à memória no sentido geral, como também traz conceitos de memória oral como meio de comunicação dentro da religião analisada, além de conceituar o que entende-se como práticas documentais. Para compreender a problemática do estudo, fez-se necessário a coleta de dados por meio de entrevistas com duas mães de santo de duas casas de umbanda distintas, para sanar as diversas dúvidas deixadas durante o decorrer do estudo. Para tal, foi utilizada a pesquisa exploratória com uma abordagem qualitativa. Conclui que há livros e documentos que possuem a temática voltada para a umbanda, porém não é de senso comum a utilização desses materiais, impactando a padronização dos rituais e ensino da religião ao redor do território brasileiro.

**Palavras-chave:** Religiões afro-brasileiras. Memória oral. Umbanda. Práticas documentais.

## **ABSTRACT**

The present study understands and exposes the impacts that the absence of documentary practices can cause to religions of African origins and, consequently, their memory. It presents how Catholicism, Spiritism and Afro-Brazilian religions emerged, seeking to understand how Umbanda was formed within the scope of Brazilian religions. It displays concepts related to memory in the general sense, as well as brings concepts of oral memory as a means of communication within the analyzed religion, in addition to conceptualizing what is understood as documental practices. In order to understand the problem of the study, it was necessary to collect data through interviews with two mothers of saints from two different Umbanda houses, to solve the various doubts left during the course of the study. For this, exploratory research with a qualitative approach was used. Concludes that there are books and documents that have a theme focused on umbanda, but it is not common sense to use these materials, impacting the standardization of rituals and teaching of religion around the Brazilian territory.

**Keywords:** Afro-Brazilian religions. Oral memory. Umbanda. Documentary practices.

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1	Problema	12
1.2	Objetivos	13
1.3	Justificativa	13
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO À RELIGIÕES NO BRASIL</b>	<b>16</b>
2.1	A história do Catolicismo no Brasil	17
2.2	A história do Espiritismo no Brasil	22
2.3	A história das religiões afro-brasileiras no Brasil	26
<b>3</b>	<b>O SURGIMENTO DA UMBANDA</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>O CONCEITO DE MEMÓRIA</b>	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>MEMÓRIA ORAL E PRÁTICAS DOCUMENTAIS</b>	<b>39</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>43</b>
6.1	Campo da pesquisa, população e amostra	42
6.2	Técnicas de coleta de dados	45
<b>7</b>	<b>ANALISANDO A UMBANDA COMO RELIGIÃO ORAL</b>	<b>47</b>
7.1	Acerca das entrevistadas	47
7.2	Acerca da umbanda	48
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
	REFERÊNCIAS	60
	ANEXO A- ROTEIRO ENTREVISTA	66

## INTRODUÇÃO

A religião é considerada imprescindível na vida de diversas pessoas que utilizam da religiosidade para trazer alento, explicar as dúvidas que pairam sobre a humanidade ou como meio de trocas sociais que são consideradas necessárias na qualidade de vida do ser humano. O contato com o espiritual, com o que não é possível ser explicado, porém sentido, intriga muitas pessoas incluindo a autora deste trabalho.

Por possuir essa importância na sociedade, buscou-se compreender e analisar a forma como essas religiões foram passadas de geração em geração no decorrer dos anos. A partir disto, se pensou nas religiões de matrizes africanas, em particular a umbanda, como um campo a ser explorado, porém analisando mais a fundo a temática foi possível perceber que não havia documentos que apresentassem a doutrina da religião.

Com isto, esse estudo buscou investigar o impacto que a falta dessas práticas documentais poderiam trazer para religiões que são voltadas para a memória oral, pois entendeu-se que a ausência de documentos que discutem e norteiam essas religiões possa vir a fazer falta para a perpetuação da memória cultural brasileira. Sobre a relação entre memória e religião, afirma Rivera (2010) que:

O grupo religioso, mais que outros grupos, precisa se apoiar sobre um objeto, sobre qualquer parte da realidade que dure, porque ele mesmo pretende não mudar [...] Mas como no mundo dos pensamentos e dos sentimentos todo elemento de estabilidade foi defeituoso, então é na matéria, e sobre uma ou várias partes do espaço que ela deve garantir seu equilíbrio (RIVERA, p. 18, 2010).

Deste modo, é possível entender a importância que a documentação exerce sobre algumas religiões no sentido de manter a memória viva com o passar do tempo. Tal memória servirá para garantir a permanência das práticas religiosas que servem de garantia para os próximos fiéis, além de reafirmar tais práticas de modo que seja possível seguir os rituais do mesmo modo - ou o mais próximo possível - que eram realizados quando a religião teve seu início.

Neste contexto, a pesquisa buscou verificar e expor qual o motivo da umbanda não dispor de um documento que sirva de doutrina para a religião, em

conjunto com a análise do entendimento da memória oral para a religião como meio de comunicação no dia a dia de suas práticas, como também um meio de transmitir o conhecimento adquirido por seus fiéis. Para isto, foram citados autores que são considerados referências para o estudo da memória, assim como para o entendimento das religiões.

Buscou-se contextualizar a história de religiões como o catolicismo, espiritismo e religiões de matrizes africanas que também compartilham de características que sejam comuns à umbanda, destacando a forma como essas religiões foram moldadas através dos anos, pontuando a maneira que elas foram retratadas e construídas por seus fiéis retornando sempre no sentido da memória como importante componente para a posteridade. Com isto, buscou-se compreender o modo como a umbanda se tornou essa religião praticada atualmente, de modo a tentar analisar a forma como a memória cultural passada dentro desta religião conseguiu se manter.

Foram necessárias a contextualização e conceituação do que é compreendido como memória no sentido mais amplo da palavra, como também o que é abordado como memória oral para os estudiosos da área, de maneira que fosse possível analisar a importância que a documentação detêm sobre esse assunto.

Os dados que serviram de base para esse estudo foram coletados por meio de entrevistas com personalidades de dois terreiros de umbanda, buscando identificar os motivos para não haver uma doutrina comum aos terreiros dessa religião, além de tentar identificar como os ensinamentos, costumes, rituais e crenças são passados para as gerações futuras sem a presença de documentos que norteiam os fiéis aprendizes. Posteriormente, refletimos sobre os possíveis impactos que essa ausência pode acarretar na história da religião, assim como para a perpetuação desta crença para as gerações futuras de praticantes e para a cultura brasileira.

## **1.1 Problema**

Qual o impacto que a ausência de práticas documentais pode causar às religiões de matriz afro-brasileira?

## 1.2 Objetivos

O objetivo geral do projeto é compreender e expor os impactos que a ausência de documentos podem causar às religiões de matriz afro-brasileiras. Os objetivos específicos tratarão de:

- a) conceituar e traçar um breve histórico das religiões de matriz africanas;
- b) expor a maneira que essas crenças são passadas por gerações;
- c) exaltar a importância que essa cultura oral e religiosa tem sobre a identidade brasileira contemporânea.

## 1.3 Justificativa

A motivação para o desenvolvimento desse trabalho foi decorrente da curiosidade que os rituais das religiões afro-brasileiras despertavam na autora. Tanto a umbanda quanto o candomblé utilizam de rituais muito específicos e com processos delimitados e estruturados. Tais processos são um mistério para aqueles que se interessam pelas crenças e não estão inseridos nas religiões.

Essa inquietação trouxe um questionamento quanto à origem dos conhecimentos dos praticantes e se haveria livros ou documentos que poderiam nortear as práticas dos rituais que ocorrem em cada religião.

Conversando com membros ativos como pais e mães de santo, percebeu-se que não havia nenhum tipo de documento que pudesse servir de guia para gerações futuras ou para o próprio conhecimento dentro da comunidade religiosa. Os conhecimentos do funcionamento dos rituais e crenças são passados de forma oral e em decorrência do andamento em que o participante está inserido nas casas de santo.

Realizando uma revisão da literatura sobre o assunto, foi possível encontrar alguns documentos específicos que discorrem sobre as palavras e expressões utilizadas nas religiões afro-brasileiras e alguns documentos acadêmicos que analisam e estudam a oralidade como forma de comunicação dentro dessas vertentes religiosas. Porém, não foi possível encontrar nenhum documento que possa servir de dogma, de modo que haja um esclarecimento quanto ao funcionamento das religiões analisadas.

A prática da oralidade é algo muito comum nas religiões de origem africana que não se restringem somente à oralidade, mas é possível apontar a utilização de símbolos, danças, cantigas e outras manifestações que servem de marco para afirmar a importância que a oralidade exerce nessas religiões.

Dessa forma, é imprescindível analisar a relevância que a oralidade tem na manutenção do sentimento de pertencimento e de identidade para o povo que a profetisa. As palavras usadas são responsáveis por transmitir experiências tanto vividas nas práticas religiosas como também fora delas.

Bonvini (2001) discorre sobre a importância da oralidade como fonte de identidade para um povo:

Estas palavras “comunitárias”, organizadas, diferenciadas, especializadas em gêneros múltiplos, são os textos orais, verdadeiros “espelhos falantes” da vida de um povo, segundo a feliz expressão de G. Calame-Griaule, pois é toda a vida da sociedade de ontem e de hoje que está fundida nos textos orais (BONVINI, 2001, ONLINE).

Importante salientar que a cultura predominantemente oral possui uma fragilidade maior em relação à perda total da memória desse grupo, tratada mais detalhadamente no decorrer do trabalho. Infelizmente, o conhecimento da população sobre vertentes, crenças e práticas das religiões de matrizes africanas não é muito disseminado no Brasil, o que é um grande problema, pois se trata de uma parte da história que serve de base para a cultura do nosso país. Isso se deve ao grande preconceito que se têm sobre essas religiões e em parte pela crescente desinformação que segue a população.

A ausência de documentos que falem sobre o assunto acabou instigando a autora a buscar formas de mudar esse cenário no ambiente acadêmico. Além de haver poucos discursos dentro da área da Biblioteconomia que discorra sobre essa temática, ainda nos falta sensibilidade de perceber a carência, que como profissionais da área da informação, precisamos para suprir as necessidades dos usuários que possam vir a buscar informações pertinentes, e em consequência, despertar um interesse tanto por parte dos usuários sobre o tema como por parte dos estudiosos da Biblioteconomia e área adjacentes.

O valor cultural que essas práticas carregam influenciou e ainda influencia muito a forma como o Brasil foi moldado e é identificado na atualidade, pois grande parte das comidas, músicas, danças que se vê nos dias de hoje espalhados pelo

país inteiro são oriundos de práticas milenares que vieram de herança dos povos negros. Por isso, é necessário estudar sobre a origem e, conseqüentemente, buscar maneiras de evitar possíveis perdas que possam vir a ocorrer na memória que a cultura dessas religiões agrega para o Brasil e para a história do povo brasileiro.

## 2 INTRODUÇÃO ÀS RELIGIÕES NO BRASIL

O conceito de religião que entendemos atualmente só foi se desvincular da religião cristã católica a partir do iluminismo. Com a retórica que os ideais iluministas traziam à crença teocêntrica, os pensadores e a sociedade no geral começaram a questionar esse conceito de religião pautado somente no cristianismo. Antes dessa ruptura as religiões não eram assim chamadas por seus seguidores, mas em muitas culturas era comum a utilização de termos como “caminho” usado nos evangelhos cristãos, ou a palavra *dharma*, nas religiões indianas (FIGUEIREDO, 2019).

Por isso, é difícil identificar um conceito que sirva de parâmetro para definir o que se entende como religião. Para Glock e Stark (*apud* COUTINHO, 2012, p. 8), a religião pode ser entendida como: “sistemas institucionalizados de crenças, símbolos, valores e práticas que fornecem a grupos de homens soluções para as suas questões de sentido último.” .

Assim como o conceito de religião é difícil de ser definido, também nota-se a pluralidade religiosa que compõem uma população com livre escolha religiosa. O Brasil não foge dessa premissa, sendo um país de tamanho continental e com uma população diversa, é possível mapear as religiões que são mais comuns ao povo brasileiro como mostra os dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): catolicismo (65%), evangélicos pentecostais/neopentecostais (13,4%), pessoas sem religião (8%), evangélicos não determinados (4,9%), evangélicos de missão (4,1%), espíritas (2%) e outras religiosidades (2,7%), não chegando a 1% o número de praticantes das religiões afro-brasileiras, sendo elas umbanda e candomblé.

Esses dados exemplificam uma realidade que foi moldada há diversos séculos atrás por meio da colonização que visava impor uma cultura e religião aos povos nativos. Domezi (2015) reforça essa idéia no seguinte trecho:

[...] a natureza “selvagem” precisa ser domada e destruída para que crescesse o espaço civilizado. De fato, a construção de aldeias ia-se fazendo à medida de derrubadas de árvores e limpeza do solo, retirando-se vegetação nativa e impondo-se uma flora noutra padrão. Assim, a cultura e a civilização daqueles cristãos colonizadores partiam da destruição para construir o edifício da cristandade. (DOMEZI, 2015)

A ausência de religiões de matrizes indígenas evidencia o êxito que os jesuítas tiveram em catequizar e apagar a história religiosa desses povos, de maneira que não há praticantes ativos que possam fazer parte do estudo que exemplifica as religiões que compõem o país. Se sabe tão pouco sobre suas religiões e práticas que não há informações que sejam comuns à população, ao contrário das religiões de matrizes africanas, que mesmo com dificuldades, ainda possuem forte influência sobre a cultura brasileira.

Essa mistura entre diversas vertentes religiosas evidencia a diversidade do povo brasileiro no âmbito cultural, religioso e histórico que teve seu início na origem do país com a influência de culturas como a indígena, africana, portuguesa, holandesa, italiana, francesa, entre diversas outras que formaram as conjecturas religiosas e culturais que vemos atualmente no país.

## **2.1 A história do Catolicismo no Brasil**

A história do catolicismo se funde muito fortemente com a história de Portugal e, conseqüentemente, com o início da história do Brasil. Isso se deve à forte influência que a religião tinha sobre os reis que governavam Portugal, além da autonomia que a Igreja Católica exercia sobre o Estado. Portugal, sendo um país muito católico, acabou trazendo para o Brasil, conjuntamente com os tripulantes das caravelas, todo o seu fervor em relação à religião que deveria ser seguida pelos colonos que aqui iriam viver.

De acordo com Domezi (2015), Portugal tinha um poder marítimo muito grande e por esse motivo o Papa encarregou os reis de Portugal de implantar a fé cristã e ser o responsável por gerir os assuntos relevantes às terras que seriam conquistadas. Esse poder foi denominado de padroado e foi de extrema importância para que houvesse autonomia dos reis católicos em relação a gerência e conservação da hegemonia cristã no mundo.

A cultura católica do padroado teve início com a vinda dos portugueses para o Brasil nos anos de 1500 e se fundiu principalmente em decorrência das ações de pregação da religião católica por intermédio dos clérigos. No entanto, sabe-se muito pouco sobre a efetiva ação da igreja católica no Brasil nos anos iniciais do seu descobrimento, mas os documentos existentes sobre o início da hegemonia católica são datados dos anos de 1530, quando foi fixado oficialmente a primeira paróquia no

Brasil pelo Padre Gonçalo Monteiro. Nesse mesmo período foi realizada a primeira missa em solo brasileiro no dia 22 de janeiro de 1532 que teve sua importância na história do Brasil e do catolicismo, prevendo a situação religiosa que o país iria seguir por séculos (VIEIRA, 2016).

A missão de converter os nativos e evangelizar o Brasil coube aos jesuítas nos primeiros cinquenta anos de descobrimento. Para Vieira (2016), inicialmente foram enviados ao Brasil seis jesuítas que iriam se estabelecer efetivamente no Brasil para iniciar a missão da Companhia de Jesus<sup>11</sup>. Mais tarde, outros sete chegaram em terras brasileiras e iniciaram o processo de fundar escolas que eram responsáveis por ensinar o evangelho, boas maneiras e pregar o catolicismo aos indígenas.

A colonização portuguesa no Brasil só foi estabelecida sem maiores problemas por conta da intervenção intensa dos jesuítas através da educação. O Projeto jesuítico foi pautado na mudança social da população indígena, de modo que os nativos fossem moldados da maneira que os europeus julgavam corretos e civilizados. Shigunov Neto e Maciel (2008) discorre sobre o projeto jesuítico da seguinte maneira:

O Projeto Educacional Jesuítico não era apenas um projeto de catequização, mas sim um projeto bem mais amplo, um projeto de transformação social, pois tinha como função propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p.173).

A necessidade de educar os nativos era evidente para os jesuítas, porém havia um problema que impedia qualquer avanço na missão evangelizadora: a comunicação entre ambos. Para resolver tal problema os jesuítas tiveram que alfabetizar os indígenas na língua portuguesa e, posteriormente, o ensino dos preceitos católicos. Dessa forma, além do ensino religioso, as ações jesuíticas foram responsáveis pela criação das primeiras escolas do Brasil.

Essas escolas foram importantes, pois além do ensino da catequese voltados para os indígenas, também se tornaram responsáveis por povoar áreas que antes eram inexploradas. Posteriormente, os educadores jesuítas se dedicaram ao ensino

---

<sup>1</sup> A Companhia de Jesus foi um grupo de clérigos católicos fundado em 1534 que tinha influência em diversos países. Seu principal objetivo era disseminar o catolicismo pelo mundo e combater a influência de outras religiões que estavam ameaçando a soberania católica naquele período (BETTINI, 2006).

dos colonos que viviam nas terras brasileiras e viriam a se tornar figuras importantes no cenário econômico e político brasileiro.

Esses jovens, que após o término de seus estudos no Brasil partem para estudarem na Universidade de Coimbra, vão impulsionar muito mais tarde o espírito nacionalista. Por meio de seu ensino e sua metodologia, os jesuítas exerceram grande influência sobre a embrionária sociedade brasileira, constituída pelos filhos da classe burguesa (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008).

No entanto, a Companhia de Jesus começou a ser vista como um grande empecilho para o Estado português moderno, de modo que não havia mais convergência nos ideais entre o homem moderno e o homem que os jesuítas pregavam. De acordo com Shigunov Neto e Maciel (2008), os jesuítas estavam indo em contrapartida com os ideais iluministas que estavam modificando toda a esfera social, econômica e política da Europa. Além das divergências educacionais, os jesuítas eram um grupo religioso muito rico economicamente e, por ser independente da igreja católica, era considerado um obstáculo para uma igreja com diversas dívidas e gastos exorbitantes.

Esses foram os principais motivos para a expulsão dos jesuítas do Brasil, porém não foi algo que ocorreu somente em solo brasileiro, de maneira que a influência iluminista estava se espalhando rapidamente pela Europa.

Nos anos iniciais da história do Brasil, percebe-se que não havia diferenciação do que era direito e dever do Estado e da Igreja, ambas as entidades estavam incorporadas umas às outras. Essa realidade era comum à época pelas crenças e ideais sociais serem pautados nos dogmas da Igreja. Isso pode ser entendido pela idéia que se fazia sobre o poder do rei ser dado por ordem divina, como discorre Domezi (2015):

Uma convicção estava fortemente arraigada na mentalidade do povo português: sua monarquia era de fundação divina e seu rei “era dado por Deus”. Portugal tinha seu rei como figura sagrada, um eleito de Deus e representante na terra (DOMEZI, 2015).

Esse poder teve um auxílio importante por parte do padroado que dava autonomia para à Coroa de arrecadar e distribuir os dízimos e indicar os cargos

eclesiásticos da Igreja. Dessa forma, a coroa tinha o controle dentro da Igreja que ia de acordo com a sua vontade e, conseqüentemente, tinha poder nas colônias que eram comandadas por clérigos enviados de Portugal.

Segundo Lima (2014), nem sempre os dízimos se destinavam à Igreja católica, podendo ser destinados a despesas de guerra ou a obras, de modo que mesmo após o seu término, ainda fossem embolsados para outros fins. Esse pagamento era cobrado por parte dos dizimeiros ou rendeiros, e posteriormente, passavam uma parte à coroa. Mesmo havendo um valor já fixado que era cobrado pela coroa, os rendeiros adicionavam uma taxa a mais e ficavam com o excedente que era considerado um valor alarmante para a época. Percebe-se também que havia um tom de autoritarismo por parte da corte com relação a esse pagamento, pois era uma taxa cobrada de todos os moradores da colônia, incluindo os que não pagavam tributos como cavaleiros e religiosos.

As quantias cobradas em forma de tributos e dízimos eram tão abusivas que ocasionou em conflitos entre os clérigos e o povo, de modo que parte dos serviços prestados pela igreja precisavam ser pagos e em um valor que não era condizente com a realidade da população. Esses conflitos se estenderam para além das terras brasileiras e foi necessária a interferência da corte portuguesa na resolução dos diversos casos de abuso por parte dos clérigos.

Ainda de acordo com Lima (2014), o padroado teve um sério impacto negativo para com os interesses da população da colônia.

O padroado impedia, portanto, que a estrutura paroquial atendesse aos interesses da população que, vendo-se desassistida, procurava sustentar, ela própria, sacerdotes que proovessem suas necessidades espirituais e mesmo civis, já que o registro paroquial funcionava como registro civil, comprovando nascimentos, casamentos e óbitos (LIMA, 2014, p. 51).

Todos esses contratemplos ocasionados pelo padroado tiveram um impacto na manutenção da Igreja no Brasil e exemplificam a importância de haver a separação entre o Estado e a Igreja de forma que uma não interfira no funcionamento da outra.

Nesse sentido, é necessário analisar a laicidade do Estado como fator importante para que sejam respeitados os direitos iguais aos seus habitantes. Pode-

se entender a laicidade como sendo a separação do Estado de qualquer religião que vigore nesse espaço, porém o Estado pode ser considerado laico de fato quando não há mais uma religião que sustente a integração social da nação (BLANCARTE, 2000, p. 3 *apud* LEAL, 2020, p. 174).

De acordo com Souza (2014), esse processo se iniciou com a Proclamação da República. Com a nova constituição o Estado deixa de ser obrigado a manter a Igreja Católica, de modo que nesse novo formato de governo, era proibida a promulgação de leis que fossem a favor ou contra alguma religião em particular, desagradando a Igreja Católica que se encontrava acostumada com os lucros que o padroado proporcionava.

Essa separação não deu fim à intolerância religiosa que estava intrínseca na população que ainda era muito católica. Por isso, religiões advindas da cultura africana - posteriormente intituladas de afro-brasileiras - eram as mais prejudicadas e julgadas. Além disso, percebeu-se uma separação entre a maneira que a Igreja Católica era tratada pelo Estado em comparação com as religiões africanas.

O que ocorreu de fato foi que no Brasil a separação entre Igreja e Estado, recebeu uma formulação própria em que a Igreja Católica recebeu uma “discriminação positiva” por parte do Estado enquanto as religiões minoritárias receberam uma “discriminação negativa” (SOUZA, 2014, p. 129).

Ainda de acordo com Souza (2014), a Igreja ainda se manteve em sua hegemonia, mesmo que de maneira bem menor em comparação com o início da história brasileira. Tal fato só foi possível pois os governantes que lideraram o Brasil nos anos iniciais da República eram católicos e buscavam favorecer aliados que seguiam a mesma vertente religiosa. Esse favoritismo se estendeu até o período da Ditadura Militar, de maneira que uma das justificativas para o golpe estava pautada na repulsa comunista ao catolicismo.

Portanto, o Brasil não pode ser considerado um país laico, mas sim em um processo de laicidade em andamento, de modo que ainda se faz necessário que a representatividade de religiões minoritárias ganhem voz com relação ao Estado e possam ser beneficiados, como a igreja católica continua sendo, após séculos desde o descobrimento. Quando houver um respeito igualitário entre as religiões, tanto

para o Estado como para a sociedade, será possível afirmar a laicidade do Brasil (SOUZA, 2014, p. 134).

Apesar da cultura católica ainda se fazer presente no dia a dia do brasileiro, o número de fiéis católicos diminuiu a cada década. De acordo com o IBGE, o Censo de 2000 mostrou que os católicos eram um pouco mais de 73% do total das religiões do Brasil, já em 2010 esse cenário era outro, tendo diminuído a porcentagem para 65% de acordo com o total da população. Para Camurça (2012), essa perda de fiéis não se restringe a um local do Brasil, mas se espalha por todos os estados. O Rio de Janeiro é o Estado com o menor percentual de católicos da região Sudeste, apresentando menos de 50% de católicos, diferente de 2000 que tinha um pouco mais de 57%.

Em contrapartida, esse mesmo autor evidencia o crescimento, no mesmo período, de religiões evangélicas, sendo importante destacar o pentecostal como sendo a vertente que mais cresceu de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010. Essa evasão do catolicismo é explicada por Bingemer (2012) como sendo uma incapacidade da Igreja católica de reter os fiéis. Além disso, nota-se o número crescente de pessoas que se intitulam sem religião, pois criticam a maneira como as religiões majoritárias conduzem as igrejas, e também por sentirem incompatibilidade pelas normas, práticas e crenças dessas instituições (BINGEMER, 2012 *apud* CAMURÇA, 2012 , p. 5).

Dessa forma, é possível perceber que a Igreja Católica vem perdendo sua hegemonia no Brasil para outras religiões, mas que mesmo com todas as dificuldades sofridas ao longo dos séculos, a Igreja ainda possui uma influência forte nas leis brasileiras, na política e nas percepções sociais como festas típicas e feriados que são aceitos e seguidos nacionalmente independente da religião a ser seguida.

## **2.2 A história do Espiritismo no Brasil**

De modo geral, o espiritismo é conceituado como uma crença que se baseia na existência de espíritos e na possessão como meio de contato entre os vivos e os mortos. O espiritismo é comumente entendido como uma religião com vertente única, porém são religiões declaradas espíritas o kardecismo, a umbanda, o candomblé e o santo daime, este último com menos adeptos do que as outras

citadas, no entanto para fim deste tópico será abordada somente a vertente espírita kardecista.

O kardecismo se iniciou no século XIX nos grandes salões da burguesia francesa. Após os saraus, ocorria um fenômeno que ficou conhecido como mesas girantes que se moviam e respondiam perguntas do público. O sucesso e a curiosidade com relação ao fenômeno foi tanto que despertou o interesse de um pesquisador chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail, posteriormente conhecido como Allan Kardec. Após muito estudo e análise, Rivail identificou que havia uma força inteligente que comandava as mesas e era responsável por responder as perguntas que eram feitas. Dessa forma, por meio da razão, Rivail analisou, comparou e compilou todas as perguntas e respostas feitas em um livro denominado *O livro dos espíritos* (1857), nele estão contidos os preceitos e doutrinas do espiritismo kardecista (LANG, 2008, p. 174).

De acordo com Lang (2008), após a publicação desse livro o kardecismo ganhou seu espaço no cenário religioso no mundo inteiro, isso se deu por conta da racionalização no pensamento científico que estava ganhando cada vez mais força. Por ser pautado em um ideal que se desenvolveu por meio de estudo, o espiritismo kardecista é dito por seu idealizador como sendo uma vertente que mescla ciência, religião e filosofia o que colaborou com a aceitação das pessoas que acreditavam na racionalização do mundo.

Para entender de maneira plena essa religião é necessário compreender seu funcionamento, doutrinas e preceitos propostos. Dessa forma, já é compreendido que há uma comunicação entre espíritos e pessoas que estão no mundo corpóreo. Segundo *O Livro dos espíritos*(1857) de Allan Kardec, essa comunicação era bem rudimentar no início da história kardecista, de modo que era feito o contato somente por meio perguntas, e as respostas eram através de toques nas mesas. Mas o autor explica que, com o passar do tempo e com a maior relação entre o receptor da mensagem e essas forças invisíveis, o contato ficou mais fácil, sendo somente através de lápis e papel. Dessa forma, pessoas denominadas *médiuns*<sup>2</sup> são os responsáveis por transcrever tudo que for dito, tendo participação imprescindível. A partir disso, entende-se que o espiritismo busca responder perguntas que perturbam

- 
- <sup>2</sup> Pessoas que, independente de gênero, idade ou credo, possuem o dom de se comunicarem com o mundo extracorpóreo, seja através de comunicação direta ou por meio de objetos. São considerados o meio intermediário para esse fim, no entanto é uma faculdade que requer exercício.

a ciência e a humanidade a muito tempo como “o que somos?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “por que estamos aqui?”, e que, de acordo com essa crença, podem ser respondidas por meio da mediunidade de pessoas que servem de canal entre o mundo dos encarnados (vivos) e dos desencarnados (espíritos).

Um ponto importante de compreender é que, de acordo com o espiritismo kardecista, existem diversos mundos que servem de local para esses espíritos se desenvolverem, ou seja, cada mundo diferente possui seu peso na evolução do espírito e é necessário passar por todos esses mundos para haver a evolução plena. Kardec explica que esses seres espirituais já estiveram presentes na Terra, cumpriram seu papel e vivem no dito “mundo espiritual” de modo que seja possível a comunicação. Faz-se possível reforçar essa afirmação no seguinte trecho:

[...] os próprios seres que se comunicam se designam a si mesmos pelo nome de Espíritos ou gênios, declarando, alguns, pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós constituímos o mundo corporal durante a vida terrena (KARDEC, 1857, p. 23).

Se faz necessário listar alguns pontos da doutrina espírita retirados do próprio livro base da religião:

- Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;
- criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais;
- os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos;
- o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo;
- o mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita;
- os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade;
- entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo

grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras;

— a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório;

— há no homem três coisas: 1o , o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2o , a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3o , o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito; (KARDEC, 1857, p. 23).

Em solo brasileiro, o espiritismo se desenvolveu de maneira bem interessante. De acordo com Ferreira (2008), o espiritismo sofreu modificações no sentido do seu padrão originário nascido na França por conta da grande diferença cultural entre ambos os países. A autora citada utiliza o termo “espiritismo à brasileira” para denominar esse fenômeno por conta desse fator modificador, e explica também que para chegar até o Brasil e ser aceito pelos fiéis brasileiros, houve uma modificação natural quanto ao sentido cultural oriundos da mesclagem entre práticas católicas e de religiões afro-brasileiras que já faziam parte da massa religiosa do país. Esse fenômeno pode ser considerado comum, pois se trata de um processo que envolve culturas distintas, além do fator modificante que toda cultura, em qualquer parte do mundo, sofre em decorrência do tempo e das esferas sociais.

Essa vinda do espiritismo ao Brasil tem como crédito dois espíritas e médiuns Bento Mure e João Vicente Martins, no ano de 1840 como explica Lang (2008). De acordo com a autora, esses médiuns receberam uma mensagem dizendo que o Brasil foi escolhido para ser base do desenvolvimento espírita no mundo, o que demonstra a vontade por parte destes de implementar o espiritismo como religião no Brasil. Com isso, foram sendo criados diversos grupos que praticavam o kardecismo, havendo uma consolidação, ganhando espaço e força no cenário religioso brasileiro. Com o intuito de unir todos esses grupos em uma só organização foi criada a Federação Espírita Brasileira (FEB), no ano de 1884.

Se faz necessário discorrer sobre a importância da FEB para a história do espiritismo tanto brasileiro como mundial. A instituição tem a missão de:

Oferecer a Doutrina Espírita ao ser humano por meio do seu estudo, prática e difusão, pela união solidária dos espíritas e unificação das instituições espíritas, contribuindo para a formação do homem de bem (FEB, 2019).

A exportação do espiritismo para os mais de 30 países do mundo em que se faz presente (LEWGOY, 2008) se deu principalmente pelo trabalho da FEB em levar o espiritismo “*made in Brasil*” para outros cantos do mundo. No entanto, esse poder só foi efetivamente comprovado no ano de 1949 com a forte campanha dessa entidade em promover a religião por meio do médium Chico Xavier, que ficou conhecido nacionalmente pelos trabalhos contínuos em psicografar diversas cartas e livros, além dos diversos atos de caridade realizados pelo Brasil inteiro.

Ainda de acordo com Lewgoy (2008), Xavier não foi o único que teve sua importância no cenário espírita, de modo que pode-se destacar também o médium Divaldo Franco responsável por levar o espiritismo brasileiro para países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra, tendo sua efetivação em mais de 50 países a mando da Federação Espírita Brasileira. Ambos os médiuns têm sua importância para a história do espiritismo brasileiro e mundial, mas com intuitos distintos, tendo o primeiro sua atenção voltada para ações em âmbito nacional, e o segundo no âmbito mundial, mas sempre com forte influência da FEB.

A FEB tem sua importância além do apoio aos médiuns brasileiros para fora do território nacional, mas também é responsável pela tradução de obras espíritas para diversas línguas, além da promoção de cursos para formação de médiuns, dirigentes e divulgadores e também promove eventos como seminários que tem o intuito de disseminar as práticas espíritas brasileiras, que possuem uma distinção pois está difundida com outras práticas que são naturais dentro do território brasileiro, como o catolicismo em conjunto com práticas da própria cultura brasileira (LEWGOY, 2008).

Dessa forma, é necessário apontar a importância que tanto a FEB, quanto médiuns brasileiros, possuem no ambiente religioso espírita. O Brasil teve sua importância na construção do espiritismo que existe atualmente e reforça o poder que as religiões brasileiras, independente de sua origem, exercem sobre o mundo.

### **2.3 A história das religiões afro-brasileiras no Brasil**

A escravidão foi uma realidade vivenciada na história do Brasil, de maneira que há não muitos anos ainda era possível constatar a existência de seres humanos tratados como objetos. Os povos indígenas e advindos do continente africano foram

os que mais sofreram com esse fenômeno horrendo, mas é necessário destacar a participação dos africanos como a mais presente na história do país.

Mesmo com condições de transporte insalubres, guerras entre povos e mortes constantes, o número de africanos escravizados trazidos para terras brasileiras foi alarmante e realizado em um longo período de tempo. Schwarcz e Gomes (2018) delimitam esse constante transporte entre os anos de 1550 até 1850, embora haja conhecimento de casos de pessoas que desembarcaram de navios negreiros entre os anos de 1850 até 1856, mesmo após a proibição do traslado de escravos para portos brasileiros.

No entanto, além do comércio negreiro ser um motor constante na economia da época, o número de pessoas que foram escravizadas espanta apesar de não haver senso comum quanto ao número exato de pessoas submetidas a tal barbárie. Schwarcz e Gomes (2018) também indicam que o número de africanos introduzidos em solo brasileiro seja de 4,8 milhões, número esse que ultrapassa o de colonos e portugueses no Brasil nos anos contabilizados. A origem dessas pessoas é diversa em todo o território africano, mas em sua maioria advinham de Moçambique, Angola, Senegâmbia e outras regiões próximas a portos que facilitavam a embarcação.

Dessa forma, é compreensível o entendimento no que diz respeito à introdução das religiões de matrizes africanas na cultura brasileira, de modo que, o número de nativos do continente africano era expressivo, além da pluralidade de locais em que essas pessoas eram originárias. Locais esses que tinham suas próprias culturas, religiões, costumes e dialetos distintos uns dos outros, ocasionando em uma variedade muito grande.

Apesar dessa variedade ser massiva por se tratar de milhões de africanos cultuando seus deuses, é necessário lembrar a situação religiosa que o Brasil vivia naquele período, de modo que pode-se entender que na época para ser considerado brasileiro era necessário seguir o catolicismo, então qualquer divergência da imposição católica não era aceita e, principalmente, combatida.

Contrariando todos os esforços portugueses, muitos cativos continuaram seguindo suas religiões originárias, ocasionando em uma mistura entre as diversas religiões que aqui estavam sendo praticadas, e dessa forma, criando outras religiões e práticas que são diferentes das que as formaram.

Sant'Anna (2015) reafirma essa reformulação no seguinte trecho:

Não existiam, portanto, na África, organizações semelhantes aos terreiros de candomblé brasileiros, que reúnem num mesmo lugar cultos diversos e originalmente dispersos no território africano. Essa nova organização foi fruto da escravidão e da reunião compulsória, numa terra estranha, de vários grupos que, em sua terra de origem, cultuavam diferentes divindades (SANT'ANNA, 2015, p. 3).

O candomblé é uma religião brasileira, mas que possui raízes africanas muito fortes. Apesar de fazer parte da cultura originária brasileira, ainda é bem complicado delimitar uma definição que seja comum à vertente. Verger (2000, p. 24, *apud* BATISTA, 2022, p. 4) diz que o candomblé é uma denominação dada aos rituais africanos realizados na Bahia, além de ser o principal meio de se conectarem com os antepassados e com tradições que fazem parte do povo que levou consigo religiões e culturas que se fundiram em uma única.

Ao contrário do que Verger (2000) compreende sobre o assunto, para Batista (2022) o candomblé é a modificação, adaptação cultural e geográfica das culturas africanas no território brasileiro que foram trazidos por homens e mulheres que aqui foram escravizados.

Foi na Bahia que o desenrolar dessa religião teve início. Com o intuito de ter um lugar voltado especialmente para as práticas religiosas, os escravos libertos se uniram para expor suas práticas religiosas em grupos, mas somente quando diversos desses começaram a cooperar entre si, se complementando e negando conflitos internos, que é possível denominar o início do candomblé no Brasil (BATISTA, 2022).

Conforme analisado anteriormente, o candomblé pode ser dito como uma adaptação das práticas religiosas africanas, se tornando uma religião completamente nova daquela que lhe deu origem. Um dos motivos para esse fenômeno foi o agrupamento entre práticas religiosas de origem africana e diversos elementos que foram incorporados do catolicismo e até mesmo de sociedades maçônicas.

Batista (2022) diz que tal incorporação se deve, principalmente, pelo auxílio que o catolicismo deu ao processo de organização que se tornou crucial para o estabelecimento do candomblé. Isso ocorreu de forma que reuniões católicas eram usadas pela população mestiça para poder praticar o catolicismo, e também para atividades referentes às práticas candomblecistas. Dessa forma, o candomblé se

desenvolvia de maneira paralela ao comando das autoridades do país, e tomava cada vez mais a forma que conhecemos atualmente.

Um ponto importante a ser analisado sobre o candomblé são as tipologias que existem dentro dessa religião. Assim como existem diversas vertentes do catolicismo, do protestantismo, e do espiritismo, o candomblé também pode ser subdividido em tipologias distintas que manifestam suas crenças e cultuam seus deuses de maneiras divergentes. Essas divisões são denominadas de nações do candomblé, podendo ser destacadas as nações bantu, iorubá, e fon que são as predominantes em solo brasileiro.

Os escravos que deram origem a essas nações vieram de diferentes áreas da África, sendo a nação bantu advindas de regiões, atualmente, conhecidas como Angola, Guiné, Moçambique e Zaire. A nação fon é originária de Benim e os iorubás de cidades da atual Nigéria. Após serem compradas, essas pessoas eram separadas umas das outras pelo Brasil e, dessa maneira, foram se espalhando pelo território brasileiro levando consigo suas crenças e culturas, mas se concentrando principalmente em partes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Bahia, Maranhão e Rio Grande do Sul (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009). Contudo, pelo tamanho continental brasileiro, pela morte de diversos anciãos e pelo passar do tempo, foram se perdendo conhecimentos e, conseqüentemente, a perda dessas nações, mas sempre foi possível identificar resquícios na futura cultura brasileira tão peculiar pela sua misticidade através da comida, com itens e preparos característicos, além da música, como o samba e o funk, que possuem a originalidade dos batuques advindos da cultura africana.

Kileuy e Oxaguiã (2009) também falam sobre a necessidade que essas nações, anteriormente em território africano, eram opositoras e foram obrigadas a se adaptar e se unirem para combater a opressão sofrida no Brasil. Com o intuito de manter a essência das religiões que seguiam em seu território originário, essas nações tiveram que criar novas características originando uma nova vertente religiosa, mas ainda fiel às origens africanas que os uniu.

Ainda segundo Kileuy e Oxaguiã (2009), dessa união surgiram outras nações que são comumente mais conhecidas nos dias atuais, como a junção dos fons com os iorubás dando origem a nação Nagô-Vodum, conhecida como jeje-nagô, sendo essa a mais citada academicamente e também a mais propagada pelo Brasil. Já a

nação bantu (nação-mãe), foi uma das primeiras a chegar ao Brasil e trouxe consigo línguas, dialetos, danças, comidas e festividades tradicionais.

Por isso, com a presença massiva de pessoas que possuem seus dialetos, festividades, danças e comidas, se faz necessário a exploração da identidade cultural que se formou com os anos e que teve a presença da cultura africana que são oriundas dessas nações, assim como de outras religiões que vieram com os navios negreiros em 1500. A linguística, costumes, danças, comidas são comuns de serem encontradas no dia-a-dia do povo brasileiro graças à influência de pessoas que foram escravizadas. Com isso, é necessário analisar não somente as religiões que foram introduzidas e criadas em solo brasileiro, mas também a incorporação de culturas milenares que construíram a riqueza que temos orgulho de chamar de brasileira.

Bonvini (2002) discorre que é possível identificar palavras que foram emprestadas ao português de dialetos africanos, e posteriormente, incorporadas à língua portuguesa no território brasileiro. Pode-se destacar algumas dessas palavras como cachaça, caçamba, caçula, miçanga, moleque, fubá, candango, babaca, banguela, entre diversas outras que são utilizadas diariamente.

Além da língua, também é de conhecimento da população as diversas danças que foram herdadas desses povos. Danças que foram modificadas com o passar do tempo, mas que ainda são reproduzidas e celebradas. Segundo Souza (2008, p. 127), a capoeira pode ser definida como uma dança, um tipo de luta ou arte marcial que se tornou uma forma de resistência pelos povos africanos contra a repressão portuguesa. Ainda segundo o autor, a capoeira era proibida nos anos anteriores aos anos de 1920 por conta da utilização, por parte de seus participantes, de navalhas e facas que eram presas entre os dedos, dando uma certa vantagem contra o oponente. Somente após a década de 1930 a capoeira se transformou em um componente importante e marcante da cultura brasileira.

O mesmo autor define a capoeira como:

Hoje, a capoeira é uma luta dançada, na qual dois antagonistas dão golpes de pernas e cabeça, usando as mãos como apoio, saltando para um lado e outro, mostrando grande habilidade e força física. É uma das manifestações da cultura afro-brasileira mais difundidas entre todas as classes sociais e também no exterior [...] (SOUZA, 2008, p. 131).

Ainda nas danças, é necessário destacar o samba como uma das manifestações culturais brasileiras mais conhecidas nacionalmente e internacionalmente. De acordo com Souza (2021), até pouco tempo atrás o samba ainda era perseguido no Brasil como estilo musical, talvez por sua origem africanizada ou por conta das pessoas que as praticavam. A motivação dessa perseguição não é possível afirmar exatamente, mas é imprescindível apontar que o samba é naturalmente carioca, criado na região do Estácio e, posteriormente, expandido pelo restante do Estado por meio da malha ferroviária carioca.

Criada entre as comunidades afro-brasileiras, tendo como origem elementos culturais africanos em conjunto com o folclore brasileiro, esse gênero musical só foi entendido como fundado no ano de 1917 com o lançamento da música “Pelo telefone”, do compositor Donga. Contudo, seu formato natural aos dias de hoje só foi se estabelecer após os anos 20, mas somente com o papel das escolas de samba para delimitar seu espaço na cultura musical brasileira, que o samba pode ser reconhecido no Brasil e fora dele. Com o passar do tempo, o samba foi criando suas raízes e dando vida a outros estilos musicais como o pagode, estilo musical mais lento e com letras mais românticas (SOUZA, 2021).

Souza (2021, p. 4), reforça essa fragmentação no seguinte trecho:

Principalmente a partir da chamada “época de ouro” da música brasileira, o samba recebeu fartas categorizações, algumas das quais denotando sólidas e bem aceitas vertentes derivadas – como a bossa nova o pagode, o partido alto, o samba breque, o samba-canção, o samba enredo e o samba de terreiro [...].

Além das danças e da língua, a comida também foi fortemente influenciada pela cultura africana, de maneira que boa parte dos pratos mais consumidos pelo povo brasileiro é de origem desses povos. Diversos ingredientes foram introduzidos na mesa dos brasileiros como as carnes salgadas, o leite de coco, o milho, feijão preto, ervas aromáticas e o azeite de dendê tão utilizado na Bahia. Foram trazidos também receitas completas que já são marcas registradas da culinária brasileira, sendo elas a famosa feijoada brasileira, o vatapá, caruru, acarajé, cuscuz de milho, além de doces como a canjica, o bolo de milho, quindim e outros (YAMAGUCHI; SALES, 2020).

Pratos e ingredientes como esses formam a cultura de um povo, por conta dessa miscigenação ou por meio da mistura entre esses ingredientes trazidos da África para o Brasil, mas também em conjunto com outros itens que faziam parte da culinária indígena e portuguesa. Somando tudo isso com a realidade que o povo africano vivia, com escassez de comida e muitas vezes até mesmo a ausência de alimentos, é compreensível a importância que a culinária tinha e ainda tem tanto na vida dos descendentes diretos de africanos que aqui viviam, como da população brasileira como um todo.

Assim, as mãos do povo negro fazem parte não somente da culinária, da língua que foi incorporada ou das danças que se tornaram características do povo brasileiro, mas são mãos que construíram o país às custas da força que lhes foi roubada. Foram impedidos de expressar suas religiões, cultuar seus deuses, comer suas comidas, dançar suas danças, porém mesmo após diversidades imensas, ainda conseguiram resistir e construir um lugar que hoje é referência cultural para o mundo todo.

### 3 O SURGIMENTO DA UMBANDA

A umbanda é uma religião que foi derivada da mistura entre o espiritismo e as vertentes afro-brasileiras, porém seu surgimento pode ser considerado recente em comparação com outras religiões já citadas. Careli (2021) expõe o início da religião datado de 1908 com o jovem Zélio Ferdinando de Moraes, de 17 anos. Esse jovem começou a sofrer com alterações no comportamento, de modo que em um momento se comportava como si mesmo e logo depois agia e falava como uma idosa, ou em outro momento se comportava como um índio, ou até mesmo, às vezes agia como um animal. Essas mudanças assustaram a família do jovem e também diversas pessoas que presenciaram os atos incomuns.

Com receio de Zélio estar com alguma doença mental, a família o leva para se consultar com o Dr. Epaminondas de Moraes, tio de Zélio, psiquiatra e diretor do Hospício de Vargem Grande. Com o passar de um tempo internado e sem melhorias aparentes, Zélio foi encaminhado a seu outro tio que era padre, que entendeu que o menino estava possuído por alguma força considerada anticristã, porém o exorcismo realizado pelo tio não surtiu efeito e Zélio continuou a ter os ditos comportamentos estranhos.

Ainda de acordo com Careli (2021), a família sem mais a quem recorrer, recebeu o conselho de procurar a solução em alguma casa espírita que pudesse resolver tal problema, e se encaminharam para a recém formada Federação Espírita de Niterói, presidida por José de Souza. Durante um de seus tranSES, Zélio foi convidado a se sentar à mesa da federação, e assim José de Moraes, que era médium, iniciou uma conversa com Zélio. A partir desse momento, José de Moraes conversava por meio de perguntas e respostas com o Caboclo das Sete Encruzilhadas que estava incorporado em Zélio.

Saraceni e Xaman (HAENISCH, 2022, p. 6) transcreveu esse contato inicial entre José de Moraes e o Caboclo sobre seu nome e o mesmo diz:

Sr José: “Quem é você que ocupa o corpo deste jovem?”. O Espírito: “Eu? Eu sou apenas um caboclo brasileiro.”. Sr José: “Você se identifica como caboclo, mas eu vejo em você restos de vestes clericais.”. O Espírito: “O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida [...] Mas, em minha última existência física,

Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro”  
(SARACENI; XAMAN, 2003, p.22).

Nesse mesmo encontro, o espírito encarnado deixa claro sua intenção de fundar a nova religião denominada Umbanda, além de expor o primeiro ensinamento umbandista dizendo que Deus, com toda sua bondade, escolheu na morte um meio para nivelar as classes sociais e etnias que habitavam a Terra (CARELI, 2021).

Essa nova religião fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas tem como uma das principais características a caridade no sentido do amor fraterno, utilizando como base o Evangelho de Jesus Cristo. Além disso, a caridade é considerada importante para essa religião, assim como para o espiritismo kardecista, pois é através do ato de amor com seu semelhante que é possível alcançar a salvação, e aquele que pratica o lado mediúnico por meio da caridade está também sendo umbandista.

Após esse episódio, foi fundada no município de São Gonçalo, no dia 15 de novembro de 1908, a umbanda, tendo presente nesse dia diversas entidades<sup>3</sup> espalhando para a população local uma nova ordem espiritual. A partir desse dia, foi fundada a primeira tenda espírita umbandista com o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade que se tornou conhecida muito rapidamente pelo município e, posteriormente, pelo Brasil todo (CARELI, 2021).

Apesar de haver uma concordância por diversos autores sobre a origem da umbanda, é necessário analisar a maneira como esse mito fundador foi apresentado ao longo dos anos. Para Haenisch (2022), existem algumas divergências com relação ao dia exato em que Zélio incorpora o Caboclo que irá fundar a religião, mesmo tendo ocorrido a fundação há poucas décadas. Além dessa divergência, há também uma negação quanto à influência que a base africana possui sobre essa religião, em contrapartida o espiritismo aparenta ter uma importância maior nesse mito, porém é possível identificar diversos elementos que são oriundos da cultura africana nas sessões de umbanda. Para a autora, essa negação se deve principalmente pela negação de cultos que poderiam ser analisados e interpretados como vertentes da umbanda, antes denominados de macumbas, em diversos locais do Brasil anteriores ao ano de 1908.

---

<sup>3</sup> Denominação usada para espíritos que possuem autorização para socorrer ou auxiliar o público que frequenta as casas de umbanda por meio de um médium.

Segundo Ramos (1940 *apud* Haenisch, 2022), a origem de elementos como cantos, velas de diversas cores, ervas aromáticas, as bebidas e os orixás são oriundos de séculos anteriores a 1908. Para esse autor, os Bantus foram responsáveis por importar elementos que formam a base da umbanda como entendemos atualmente e como era entendida quando oficialmente formada. O ponto que mais pode ser considerado importante para ser feita essa afirmação é a valorização dos antepassados e a prática de invocação de espíritos, além da conversação com espíritos que na umbanda são denominados como orixás. Ramos (1940), disserta sobre o uso de pontos riscados, velas, o uso do branco, dos instrumentos e da defumação com ervas eram encontrados em rituais dos negros bantus, o que não nega a origem e influência da cultura negra sobre a formação da umbanda que compartilha dos mesmos elementos.

Analisar essa discordância entre as origens da religião se faz necessário pois evidencia a tentativa de embranquecer uma religião que é naturalmente advinda da cultura africana, com elementos que comprovem essa origem. Ainda segundo Haenisch (2022), o protagonismo de Zélio, homem branco e jovem, é decorrente do espelhamento da sociedade da época que somente aceitava ideais e realidades que condiziam com o que estava ocorrendo naquele período, no caso o Estado Novo e a Ditadura Militar. Essa tentativa foi necessária na época para que fosse possível a implementação oficial da religião, porém é necessário repensar a realidade atual e reforçar a importância da cultura bantu, e conseqüentemente, africana no desenvolvimento da sociedade brasileira em todas as suas vertentes.

## 4 O CONCEITO DE MEMÓRIA

Para Zilberman (2006), a memória pode ser definida como uma faculdade humana que é responsável por reter conhecimentos, além de ter o objetivo de servir de “depósito” que pode ser acessado sempre que necessário. Ainda segundo a autora, a memória também serve de salvaguarda, pois adquire o papel de constituir uma identidade pessoal que organiza e faz a ligação entre as diversas versões do dono de tais memórias.

Porém, a memória não se limita somente ao sentido físico e a formação da identidade de um indivíduo, refere-se também às vivências, crenças e valores que foram experimentadas por nossos antepassados em comunidade, de maneira que haja a necessidade de um grupo de pessoas que possam compartilhar essas vivências.

De acordo com Halbwachs (1990), o entendimento de memória pode se distinguir em individual e coletiva, sendo a primeira de cunho interior, que não pode ser passada para terceiros, sendo memórias que podem ser oralizadas, mas a vivência e a experiência estão registradas somente na mente de quem a viveu. Há também a memória coletiva, de cunho exterior, que são entendidas como emprestadas pelas pessoas que as viveram e que são compartilhadas pelos membros de determinado grupo. Ambos os tipos de memória estão conectadas, por se complementarem, de modo que haja a necessidade de uma memória individual para que se formem memórias coletivas e vice-versa. As memórias individuais, são vistas por Halbwachs como “pontos de vista” da memória coletiva. Essas memórias são primordiais para manter a história de um povo ou comunidade viva através dos anos (HALBWACHS, 1990, p. 30).

Ainda segundo Halbwachs (1990), a memória individual é entendida como parte da memória do grupo que a constitui, ou seja, caso não seja possível construir uma memória que tenha sido referente a um grupo específico, esse esquecimento significa que o dono dessas antigas lembranças não pertence mais a esse grupo, exatamente por não se recordar de momentos que eram comuns a eles. Dessa maneira, para que as lembranças sejam comuns entre si e auxiliem umas às outras em busca da memória coletiva, é necessário que haja uma concordância e pontos de contato para que a lembrança seja considerada comum a ambas as pessoas e

que seja reconstruída sobre um fundamento comum. O autor também expõe essa idéia no seguinte trecho:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito quanto no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 33).

Tal idéia defendida pelo autor nos auxilia a entender a motivação e o processo de esquecimento que ocorre em casos de memórias coletivas que se perderam com o passar dos anos, deixando claro que muitas vezes a perda de memória não é advinda somente de fatores externos, mas também pode vir a ocorrer por motivos mais complexos como o afastamento entre indivíduos.

Para Le Goff (*apud* GONDAR, 2008, p. 2), a memória coletiva é entendida como sendo reservada para povos sem escrita, servindo de guia.

Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva surge como um cantar mítico da tradição, obedecendo geralmente a três grandes interesses: o primeiro seria a idade coletiva do grupo, que se funde nos mitos de origem (teríamos na Índia as idades do ouro, prata, bronze e ferro, às quais os gregos acrescentariam mais uma, intercalando-a entre o bronze e o ferro: a idade dos heróis); um outro interesse seria relacionado às genealogias, expressando o prestígio dos grupos dominantes; e ainda um último estaria ligado ao saber técnico, transmitido por fórmulas práticas mescladas à magia religiosa (GONDAR, 2008, p. 2).

Ainda segundo o autor, o surgimento da escrita foi imprescindível para transformar a memória coletiva de modo que, a transcrição em pedras, mármore e monumentos, ocasionou uma sobrecarga de lembranças, e conseqüentemente, uma transformação na perpetuação dessa memória comum à todos, tornando o ciclo de vida maior. Gondar (2008) aponta também que a escrita forneceu uma melhora no processo de memorização, por se tratar da passagem da esfera auditiva para a esfera visual, transformando esses documentos anteriormente profetizados, em

suportes para a memória daquele povo. Dessa forma, para Le Goff (1990), uma memória entendida como coletiva, se transforma em memória social, com documentos que comprovem e assegurem a existência dessas lembranças particulares a cada povo.

A presença de documentação que comprove a memória também possui seu valor levando em conta a salvaguarda da memória individual, embora esta seja, sempre, igualmente coletiva, de maneira que, a utilização de documentos possibilita a perpetuação da memória que foi vivenciada por indivíduos que fazem parte de um grupo, agregando e formando a memória coletiva. Dessa forma, a memória coletiva vai sendo formada a cada dia de acordo com as vivências de membros da comunidade, agregando valores e histórias que estão em constante mudanças, assim como a sociedade que a integra.

Pollak (1992), também discute a seletividade da memória fazendo alusões à lembrança que os franceses internalizaram com o término das Primeiras e Segundas Guerras Mundiais. O autor explica que, mesmo havendo uma diferença nas datas de término da Primeira Guerra, dia 11 de novembro de 1918, e da Segunda Guerra, dia 8 de Maio 1945, a população francesa só internalizou na memória coletiva o dia 11 de novembro. O dia 8 de Maio era considerado um feriado como outro qualquer, enquanto o dia 11 de Novembro a comemoração era dupla, por ambas as Guerras. Isso ocorreu pelo poder das memórias individuais, além dos esforços dos ex-combatentes frente à população, em manter viva somente lembranças da Primeira Guerra, com uma participação mais bem vista e efetiva da França do que a Segunda, memória mais traumática em decorrência do número de vítimas. Dessa forma, mesmo havendo duas datas que foram importantes para o país, percebe-se que a cronologia real não possui muita importância nesse caso, de modo que a memória tem uma força muito maior na vida das pessoas que a compartilham (POLLAK, 1992, p. 3-4).

Desse modo, se faz necessário analisar o impacto da memória oral e da importância que as práticas documentais possuem na passagem dessas memórias para gerações futuras.

## 5 MEMÓRIA ORAL E PRÁTICAS DOCUMENTAIS

A memória oral ainda é utilizada na sociedade contemporânea, mesmo que de forma distinta às anteriores, ainda é possível encontrar culturas que não utilizem uma organização pautada na escrita, tendo a oralidade como principal meio para perpetuar a memória ao longo dos anos. Para Bergamaschi (2002), essas sociedades que não utilizam a escrita possuem pessoas que são responsáveis por manter e perpetuar a memória da comunidade. Os mais velhos acumulam histórias, lendas, músicas, rituais comemorativos e receitas que são características daquele grupo. Além disso, nessas comunidades, a passagem do tempo é entendida de forma cíclica, ou seja, as celebrações marcam uma passagem do tempo para aquele grupo. Dessa forma, a maneira como os representantes “guardiões” das lembranças desse grupo repassam as informações referentes à memória cronológica, carregam com eles uma importância maior do que nas sociedades majoritariamente letradas.

Bergamaschi (2002), atesta que as sociedades que são baseadas na escrita assumem a memória como um meio de inscrição, ou seja, as informações pertinentes passam do meio auditivo para o meio visual, e em consequência, atravessam o tempo e espaço. Nessas sociedades, organizações como arquivos, bibliotecas, museus são utilizadas como locais responsáveis por salvaguardar as memórias criadas no decorrer do tempo, por isso, a importância dessas instituições para a sociedade letrada.

Com o desenvolvimento da ciência moderna, houve uma valorização do novo como sendo algo melhor, dessa forma, a modernidade impulsionou a ideia de progresso baseado na desintegração de tradições e crenças antes valorizadas. O ensino, antes restrito para poucos, teve sua disseminação e se popularizou por meio da escola, sendo essa, por sua vez, criada com base na escrita. Por esse motivo, alguns autores defendem a supremacia da escrita por ser um mecanismo que possibilita comprovação científica (BERGAMASCHI, 2002). Podemos destacar Bottéro (1995 *apud* BERGAMASCHI, 2002, p. 9), que argumentava que não existia nenhuma cultura oral que já tivesse desenvolvido qualquer tipo de sistema do conhecimento ou uma ciência considerada verdadeira.

Em contrapartida, Zilberman (2006, p. 8) discute a oralidade como sendo a maneira mais íntima entre o nome e a coisa. A autora expõe essa afirmação no seguinte trecho:

A oralidade é a expressão mais credenciada da memória, conforme o estudo sobre o narrador, aproximando não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes (ZILBERMAN, 2006, p. 5-6).

Zilberman (2006) não descarta o importante papel da escrita no desenvolvimento da memória em uma sociedade. A oralidade possui uma subjetividade que é bem característico, de modo que o interlocutor expõe a informação de uma maneira, mas o locutor pode compreender tal informação de acordo com diversas variáveis, como a forma como foi oralizado, o tom de voz, o contexto que a informação foi passada e até mesmo o tempo cronológico em que esse conteúdo foi passado. Já a escrita, tendo uma característica mais objetiva, proporciona uma compreensão do leitor única, de maneira que a mudança de suporte não influencia no conteúdo informacional, além de proporcionar o anonimato que o papel oferece ao leitor que não sofre com a possível interferência do locutor.

Além disso, a autora também discorre sobre a natureza da memória em relação a forma como ela é apresentada para a posteridade, ou seja, uma memória narrada somente era transmitida por meio da palavra dita, verbalizada. Com a escrita sendo mais utilizada, o objeto- texto - se encontra em uma meio que está mais propício a manter essa memória intacta, ou com o mínimo de perda possível ao longo do tempo. Dessa forma, a escrita passa a ter a função de salvaguardar o conteúdo de um texto em um dado material, de modo que seja capaz de receber e conservar o conteúdo do mesmo. Tal mudança do oral para a escrita, infere uma inversão no que antes eram utilizadas práticas orais para sustentar a memória, acabou se tornando precário em decorrência do poder documental que o papel adquiriu (ZILBERMAN, 2006, p. 15).

O uso do papel e, conseqüentemente, dos documentos, acarretam práticas específicas. Desse modo, para que seja possível compreender com mais clareza o conceito de prática documental, se faz necessário analisar o que é entendido como documento. Para Gomes (1967 *apud* TANUS, 2012, p. 4), na visão da arquivologia, o documento é caracterizado como uma peça escrita ou impressa que traz consigo uma informação sobre um assunto, dessa forma, é possível compreender a ligação entre uma informação e o suporte que ela está inserida. No entanto, Paes (2006, p. 26, *apud* TANUS, 2012, p. 4) compreende de maneira bem diferente, de modo que caracteriza o documento como sendo o registro de uma informação independente da

natureza do suporte em que ela está contida. Nesse sentido, a definição de Paes (2006 *apud* TANUS, 2012, p. 4), condiz com a estudada neste trabalho, de modo que, um meio que carregue informação somente pode ser considerado documento mediante alguns processos que possibilitem essa definição. Dessa forma, se faz possível compreender melhor o conceito de práticas documentais como sendo toda e qualquer manifestação que carregue uma informação independente do suporte que ela está incluída.

Algumas religiões buscam sempre produzir documentos que provem e assegurem suas manifestações religiosas. O catolicismo, por exemplo, possui uma vasta documentação desde a Bíblia, perpassando pelo Códigos de Direito Canônico, responsável por compilar as normas, hierarquia e obrigações do clero e dos fiéis, atos e reuniões produzidos pela igreja, além de documentos que fazem parte do dia a dia. Tais documentos são produzidos periodicamente por diversas igrejas ao redor do mundo e descritas como práticas documentais, com isso podem ser entendidas como documentos que fazem parte da ordenação da religião e são consideradas imprescindíveis para que haja outras gerações que poderão dar continuidade ao catolicismo da maneira como ele foi originalmente criado - ou como se pretende que continue.

Além do catolicismo, também é possível destacar o espiritismo como uma religião produtora de práticas documentais. Pode-se apontar o “Livro dos espíritos” já mencionado anteriormente como a doutrina da religião e importante base documental para os praticantes, ademais de outras obras escritas por Kardec como “O livro dos médiuns”, “O evangelho segundo o espiritismo”, “O céu e o inferno” e “A gênese”, todos eles com sua influência na religião de modo que serviu de base para a posteridade, além de colaborar na perpetuação do espiritismo para outras gerações e através dos continentes.

A existência de um ou mais livros que sirvam de sagrado para essas religiões vai além da perpetuação da memória para outras gerações. Para Terrin (2003 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 9) essas escrituras sagradas também servem de contato entre a divindade e o terreno, criando uma proximidade única. O autor também diz que ter e utilizar um livro sagrado auxilia o indivíduo a revivenciar momentos em celebrações consideradas importantes e que colaboram na conexão entre o escrito, a fé do credor, o mito e o rito, entre o oral e o escrito.

Desse modo, se faz necessário analisar a razão pela qual religiões voltadas para a oralidade não possuem o interesse em transcrever suas doutrinas, vertentes e histórias como as religiões letradas. Com um estudo mais detalhado de algumas religiões, pode-se inferir que exista uma pureza religiosa que visa ser preservada pelos adeptos dessas crenças, tratada por seus participantes como uma “religião de segredo”, de modo que não seja permitido a continuidade da religião para indivíduos que não sejam do próprio convívio de quem a pratica em qualquer esfera.

Por fim, é importante salientar que, de acordo com Oliveira (2013), tentou-se definir uma liturgia que servisse de base para todos os templos umbandistas durante o Primeiro Congresso de Umbanda (1942), porém, sem sucesso por conta da divergência de cada Casa, além das especificidades de seus pais e mães de santo. A divergência na aceitação de um mito em comum que sirva para toda a comunidade umbandista também é uma problemática no sentido de conseguir definir uma base comum a todos. Ainda de acordo com Oliveira (2013), para preencher a lacuna doutrinária e filosófica da religião, foi necessária a consulta por parte de estudiosos e praticantes interessados em estudar tal prática religiosa, de buscar em outras religiões como o budismo, cristianismo e kardecismo formas de validar e compreender as práticas umbandistas e seu funcionamento.

Essa ausência de estudos ainda se mostra uma problemática, de modo que existe uma dificuldade crescente em encontrar materiais confiáveis e esclarecedores acerca do andamento e história dessas religiões, até mesmo para redigir esse estudo. Por isso, houve a crescente necessidade de analisar e compreender tais respostas a essas dúvidas de modo direto, com entrevistas com autoridades da umbanda que tenham acesso e possam trazer esclarecimento a essas questões ainda pouco exploradas e que são relevantes para profissionais da informação que lidam diariamente com os mais variados tipos de documentos, práticas documentais e os possíveis sentidos que estes agregam.

## 6 METODOLOGIA

Com o intuito de compreender melhor as religiões de matrizes africanas, foi necessária a aplicação de métodos que pudessem sanar as diversas dúvidas que surgiram no decorrer do trabalho. Desse modo, viu-se a necessidade de pautar este trabalho na pesquisa exploratória, em virtude de buscar “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27).

Segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias são essenciais porque muitas vezes, o tema escolhido não dispõe de muitos materiais que possam ser explorados, tornando-se assim, difícil formular hipóteses precisas e operacionais. Dessa forma, tal qual como o tema deste trabalho, a pesquisa exploratória permite que haja uma aproximação de novas fontes de informação que podem vir a servir de base para novas gerações de estudiosos no assunto.

Para que seja possível analisar os resultados de maneira eficiente além de alcançar o objetivo geral do trabalho, utilizou-se a análise qualitativa entendida e diferenciada da quantitativa por Richardson (2012):

O método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas (RICHARDSON, 2012, p. 79).

Os dados que dão base a esse estudo foram coletados por meio de entrevistas e serão analisados detalhadamente nas seções seguintes para, assim, trazer esclarecimento ao problema demonstrado no início do trabalho.

### 6.1 Campo da pesquisa, população e amostra

A realização da pesquisa foi pautada na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de campo, tendo definição a pesquisa bibliográfica por Gil (2008, p. 50) como sendo uma pesquisa que tenha seu fundamento construído a partir de livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador uma gama de fenômenos

maior, comparado ao contato direto entre ambos, facilitando o estudo em casos de dispersão ou ausência de dados.

A pesquisa de campo pode ser entendida pelo autor como um aprofundamento de uma realidade específica, realizado por meio de técnicas de observação das atividades do grupo analisado ou por meio de entrevistas com membros ativos da comunidade para capturar explicações e interpretações do grupo estudado (GIL, 2008, p. 57).

Analisando o problema proposto no início do estudo que objetiva a ausência de documentos que possam esclarecer as dúvidas deixadas durante o trabalho, se fez necessário a adesão da entrevista como técnica de coleta de dados, de modo que possa capturar as informações que sirva de explicação para os questionamentos adquiridos até o momento, como expõe Gil (2008).

Com o intuito de delimitar o grupo estudado, Gil (2008) conceitua como população:

É um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, pode-se entender como amostra o conjunto de alunos matriculados numa escola, os operários filiados a um sindicato, os integrantes de um rebanho de determinada localidade, o total de indústrias de uma cidade, ou a produção de televisores de uma fábrica em determinado período (GIL, 2008, p. 89).

Desse modo, para este estudo entende-se como população a comunidade umbandista brasileira. Já a amostra do estudo é conceituado como sendo o subconjunto da população, de modo a ser estabelecido ou estimado as características do que está sendo analisado. Sobre tal, a amostra do trabalho é constituída por duas mães de santo de dois terreiros localizados no município de Niterói, no Rio de Janeiro. Utilizando o conceito de Gil (2008, p. 90), amostra é entendida como: “Subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam características desse universo ou população.” Desse modo, os próximos tópicos irão expor os dados coletados nas entrevistas realizadas e analisar tais dados.

## 6.2 Técnicas de coleta de dados

Neste subtópico serão abordados os métodos utilizados para captar os dados utilizados no estudo e o modo como eles foram coletados para que, posteriormente, seja possível a análise e conclusão da problemática proposta pelo trabalho. Os dados foram extraídos através de entrevistas que é definido ainda por Gil (2008) como:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Quanto ao nível de estruturação da entrevista, foi adotado o método de entrevista focalizada, entendida como sendo menos estruturada e com foco em algum tema específico. Esse método permite que o entrevistado fale livremente sobre o assunto, mas que haja uma abertura que permita ao entrevistador a retomada do assunto caso ocorra algum desvio (GIL, 2008, p. 112).

Dessa forma, se faz necessário salientar a fluidez da entrevista que foi retratada como uma conversa mais informal, e por isso, com respostas mais subjetivas, no entanto, a análise do trabalho foi realizada de maneira objetiva buscando uma conclusão clara à problemática proposta.

As perguntas foram elaboradas em dois blocos, tendo o primeiro o intuito de captar os dados iniciais dos entrevistados como nome, idade, gênero, profissão, raça/etnia e o bairro que reside, formação do entrevistado e o cargo que exerce no terreiro frequentado. Tais informações foram adicionadas ao estudo com o intuito de colaborar para com o entendimento do modelo do que pode ser entendido como os praticantes da religião umbandista, além de servir de meio para desmistificar um ideal do que pode vir a ser entendido pelo senso comum como padrão de praticante da religião umbandista. Já o segundo bloco de perguntas foi composto pelas perguntas principais que incluem as dúvidas surgidas no decorrer do trabalho.

Quanto ao critério de seleção dos participantes da pesquisa, foram escolhidas duas autoridades nas casas que as mesmas frequentam para que seja definido com

objetividade e riqueza de confiabilidade às informações adquiridas. Os contatos foram por meio de conhecidos da autora que eram comuns as duas participantes das entrevistas, de modo que já foi definido um ambiente de descontração entre as partes.

Os convites para a participação da pesquisa foram feitos via chamada de telefone com ambas as entrevistadas, em caráter informal, entre os meses de abril e maio de 2023, sendo as entrevistas realizadas nos meses de maio e junho do mesmo ano, com a duração média de quarenta minutos por entrevista. Ambas as entrevistas foram realizadas nas residências das entrevistadas, reforçando a informalidade almejada para que não haja nenhum tipo de desconforto por parte das participantes.

As entrevistas foram gravadas e armazenadas no celular, computador e nuvem pessoal da autora. As duas entrevistadas estavam cientes da utilização do material e assinaram um documento de consentimento das informações passadas e de suas identidades autorizadas no momento do primeiro contato, como também no momento anterior à gravação. Dessa maneira, é possível analisar os dados nos capítulos subsequentes e expor os resultados obtidos.

## **7 ANALISANDO A UMBANDA COMO RELIGIÃO ORAL**

Este tópico possui o intuito de analisar os dados coletados nas entrevistas realizadas com as duas autoridades das casas de umbanda, de modo a sanar as dúvidas deste estudo. Para isso, se faz necessário conceituar a análise de dados como:

A análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. A análise dos dados é um processo complexo que envolve retrocessos entre dados pouco concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação (TEIXEIRA, 2003, p. 191).

Desse modo, serão expostos e analisados a seguir os materiais oferecidos por meio de fragmentos das entrevistas para, posteriormente, chegarmos a uma conclusão acerca das dúvidas ofertadas no capítulo 1 deste trabalho.

### **7.2 Acerca das entrevistadas**

Neste tópico serão apresentadas as informações sobre a amostra deste estudo de modo que seja possível compreender mais claramente as entrevistadas e suas realidades dentro das casas em que as mesmas praticam sua religiosidade. Como o intuito do estudo não é expor a identidade das entrevistadas, as mesmas serão mencionadas como Integrante 1 e Integrante 2 por se tratar da sequência em que a entrevista foi realizada.

A pesquisa buscou entrevistar um número de pessoas que pudesse transmitir confiabilidade informacional para o estudo, mas que não trouxesse uma enxurrada de informações que pudessem ser de difícil entendimento e análise, além de ser do interesse do trabalho compreender pontos que possam ser convergentes acerca do funcionamento e entendimento da religião.

Dessa maneira, o conjunto de entrevistadas é composto por duas pessoas auto declaradas do sexo feminino, tendo as idades das participantes uma variação entre setenta e oitenta anos. Quando perguntadas acerca da raça/etnia, uma se declarou branca e a outra negra. Quando perguntadas sobre o local de residência,

ambas afirmaram morar no estado do Rio de Janeiro, no mesmo município mas em bairros distintos.

A primeira autoridade foi entrevistada no dia dois de junho de 2023, tendo sua entrevista uma duração de cinquenta minutos. Quanto ao perfil da mesma, a Integrante 1 possui setenta e dois anos; gênero feminino; raça/etnia: branca; local de residência: Santa Rosa- Niterói/RJ. Em relação a sua formação dentro do terreiro, a Integrante 1 se considera uma dirigente, ou seja, ela é responsável por coordenar e guiar os encontros espirituais, assim como colaborar para o desenvolvimento de outros praticantes que frequentam a casa.

A segunda autoridade foi entrevistada no dia oito de junho de 2023, tendo a entrevista uma duração de trinta minutos. Quanto ao perfil da mesma, a Integrante 2 possui setenta e seis anos, gênero feminino; raça/etnia: negra; local de residência: Engenhoca- Niterói/RJ. Em relação a sua formação dentro do terreiro, a Integrante 2 se considera uma EKEDI, ou seja, ela é responsável por cuidar do orixá enquanto ele está incorporado no médium. Por ter uma importância grande para a religião, essa função requer uma pessoa que seja de confiança, e em consequência, também toma conhecimento das informações pertinentes para o funcionamento da casa.

### **7.3 Acerca da umbanda**

Este tópico irá utilizar fragmentos das duas entrevistas que mais chamaram atenção da autora acerca da temática trabalhada no decorrer da pesquisa, além de tentar responder a problemática exposta no início deste estudo. Visa também identificar se os métodos utilizados foram suficientes para alcançar os objetivos propostos.

Dessa forma, a análise se iniciará pela primeira pergunta da parte 2, também compreendida como a central do trabalho: “Existe algum livro ou documento que possa servir de guia ou base para a umbanda?” que foi proposta como a inicial para que haja margem para perguntas secundárias, caso houvesse uma divergência nas respostas.

Sobre isso, ambas as entrevistadas tiveram respostas similares, mas com pequenas divergências entre si, de modo que a Integrante 1 citou livros e alguns documentos que serviram e servem de base para a casa que ela dirige. Acerca disso, podemos compreender essa documentação da seguinte forma:

Integrante 1: Eu tenho alguns documentos que vão te dar uma base boa com relação a umbanda. Uma delas é essa Carta Magna da umbanda. Pouquíssimos umbandistas têm conhecimento dessa carta. Essa carta vem mesmo da raiz quando ela fala no início, inclusive é um documento oficial da religião da umbanda. Eu acho que essa carta vai te dar um suporte enorme, porque ela tem alguns itens como as casas que foram fundadas, juntamente quando o Zélio deu início as reuniões. Aqui nós temos nome, endereço, dirigente da época com datas também. Esse é um documento muito bom no sentido de informação, no sentido de origens da umbanda.

A carta mencionada pela Integrante 1, pode ser compreendida como um guia para leigos na religião, de modo que a linguagem não é rebuscada e seu conteúdo possui o intuito de informar acerca de algumas práticas realizadas nas casas de umbanda. A carta também contém datas da formação de outras terreiros que sucederam o fundado por Zélio, como também expõe e explica rituais, cantigas e outros itens importantes.

Outro ponto que chama atenção foi a origem dessa carta, pois se trata de um documento que não é disseminado no meio acadêmico. Por isso, foi perguntado a entrevistada sobre a fonte que compilou tais informações e a mesma respondeu que foi adquirido por ela através de um simpósio que ocorreu no ano de 2019 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), sobre a temática da umbanda, e que chegou até seu domínio por meio de um sorteio. Por esse motivo, há tão poucos exemplares sob domínio público.

Ainda sobre documentos considerados importantes pela Integrante 1, ela destaca o livro de Cavalcanti Bandeira, intitulado “O que é a umbanda”.

Integrante 1: Eu tenho esse livro também que é bem antigo que se chama “O que é a umbanda”, que aqui têm tópicos que é um compilado que explica os rituais, as vestes, determinados rituais em que se fazia sem o atabaque, só com cânticos e palmas. Porque para escrever sobre a umbanda é preciso saber alguns itens, porque não é uma filosofia, mas sim uma religião tipicamente brasileira. Inclusive nesse livro tem a data da fundação, como houve a manifestação, porque o Zélio chegou e como ele chegou até a umbanda.

Outro documento citado e que chamou bastante atenção da autora, foi uma apostila criada pela Integrante 1 e por outros médiuns da casa que ela participava na época. Nessa apostila estão contidas as informações que foram consideradas mais importantes por seus autores, além da particularidade pela fabricação própria, também chama atenção por ser um compilado das informações que foram adquiridas por seus componentes no decorrer de seus andamentos na religião, tendo a divergência de vivências e entendimentos que cada um dos seus autores experimentou na religião.

A Integrante 1 explica a importância que esse compilado de informações teve para ela no seu desenvolvimento na religião, como serve também para outros integrantes que estão se iniciando na umbanda no seguinte trecho:

Nicolle: Essa apostila chegou a servir de base para outros praticantes?

Integrante 1: Sim. Eu mesma utilizei muito. Serve para iniciantes também da casa, porque sempre que eu preciso eu recorro a ela. Como ela é prática, quando a pergunta surge eu já vou nela e dou uma lida. E as perguntas surgem no dia a dia, porque não tem como aprender sobre a religião de uma vez só.

A Integrante 2, no entanto, não expos nenhum documento que servisse de base para a religião, mas pontuou a importância dos mais velhos como fonte das informações passadas acerca da religião. Ela também explica sobre a autonomia que cada casa de umbanda tem em relação a suas práticas, já que não há um senso comum sobre o funcionamento da religião.

Integrante 2: Bom, a gente não tem bíblia, não tem catecismo, a gente tem os mais velhos. É o que serve de guia para a gente. Nós temos autonomia que cada espaço sagrado nosso é feito de acordo com seu critério e é discutido com seu grupo. Então isso nos favorece porque ninguém é o mais certo. Cada um segue aquela orientação do mais velho na sua casa.

A segunda pergunta selecionada foi “Como são passadas as informações acerca da história e funcionamento da religião?”, e possui o intuito de servir de auxílio ao objetivo específico “expor a maneira que essas crenças são passadas por gerações;” tendo ambas as respostas muito similares uma das outras.

Sobre esta questão, a Integrante 1 relata que muitas informações foram passadas através de livros, sejam os citados acima ou outros que são julgados importantes, mas deixou clara a importância que a oralidade exerce nesse sentido. Pontuou também o contato com os mais velhos dentro da religião como sendo um meio de adquirir informações que atendam suas dúvidas e tragam informações relevantes.

Integrante 1: Através dos livros que nós temos e através das conversas que eu tenho com eles. Se existe alguma dúvida eles recorrem a mim, e eu tiro essas dúvidas na medida do possível e na medida do que eu sei. Se eu não souber, vou ter a humildade de procurar junto, então nós recorreremos às entidades que são maravilhosas e nos trazem essas respostas. Hoje eu tenho duas iniciadas que recebem essas informações e elas aproveitam e levam para a vida toda.

A Integrante 2 ressaltou mais firmemente a importância dos mais velhos como provedor do conhecimento, e explicou o funcionamento da cronologia e respeito que precisa ser seguido em um terreiro de umbanda quanto ao conhecimento da religião. Com o seu discurso, se faz importante pontuar a oralidade como o único meio em que haja compartilhamento de conhecimento:

Integrante 2: Com o cotidiano mesmo. Por isso a gente tem que tá sempre na casa, fazendo as coisas, tendo encontro. E um vai ensinando para o outro. Se você chegar na casa, quem já está aqui vai te ensinar como você vai entrar, cumprimentar cada santo. Não importa a idade. A pessoa sendo mais velho na casa, não importa a idade cronologicamente, é mais porque é mais velho na iniciação, na religião.

Nicolle: Então a pessoa que já está inserida na casa é o mais velho independente de quantos anos cronológicos ela tenha?

Integrante 2: Não importa a idade que tenha. Se foi feita a iniciação, independente da idade, quem foi iniciado primeiro é o mais velho.

A terceira pergunta objetiva responder acerca da ausência de informações que possam explicar e desmistificar a religião como sendo algo desconhecido para pessoas que não são praticantes como “A umbanda pode ser considerada uma religião de segredo? Se sim, por que?”. Nesse sentido, as respostas tiveram pontos de divergência acerca da maneira como entende-se o sentido de segredo para a

religião, porém ambas compreendem que a umbanda não é uma religião de segredo na maneira mais ampla.

A Integrante 1 afirma que a umbanda não é tratada por ela como religião de segredo pois os ensinamentos da religião são passados de forma clara e aberta para os que vão até ela como fonte de conhecimento. Expõe também que a umbanda não deve ser tratada como um segredo porque não condiz com os valores ensinados dentro da comunidade umbandista.

Integrante 1: De segredo creio que não. Não tem um porquê de religião de segredo.

Nicolle: Então por que a senhora acha que se sabe tão pouco sobre a religião?

Integrante 1: Porque eu acho que o que nós sabemos é passado, mas falando por mim. Nada é escondido, pelo contrário. Nós tentamos passar o máximo para os que estão chegando. Tentamos que eles aprendam, ensinamos com prazer para que eles saibam, e não fiquem com o “por que?”. A umbanda não é a religião do “por que?”. Tem que se saber do porquê se está fazendo. Não pode ir no automático. Não condiz com a umbanda.

A Integrante 2 compreende o sentido que a umbanda carrega de ser uma religião de segredo, mas de forma transversal a apresentada pela Integrante 1. A Integrante 2 também expõe sua opinião sobre o que pode ser considerado segredo, não só para a umbanda, mas também para outras religiões.

Integrante 2: Toda religião é de segredo. Aliás as relações humanas, todas têm segredo. Mais segredo que a igreja católica? Demoraram tantos anos para revelar tantos segredos. Além do Bispo Macedo, o segredo que foi para ele ficar podre de rico. Então eles tem muito mais segredo do que umbanda e candomblé. Isso deve ser porque a gente continua muito na nossa.

Nicolle: Mas a senhora acha que o fato de ter que se iniciar na religião para ter informações pode ser considerado indícios de uma religião de segredo?

Integrante 2: Aí eu não sei porquê. Porque eu perguntar sobre como é a iniciação teria que passar por aquilo para saber. Se fosse o caso de entrar em pormenores, aí até então... Porque têm coisas que se guarda e coisas que são reveladas que não são só de religião, são do meu olhar. Sempre vai ter uma cartinha na manga, não é?

Já a pergunta número quatro foi elaborada com o intuito de ajudar a compreender o objetivo geral do trabalho acerca da ausência de documentos para essas religiões, e expõe a opinião dessas autoridades quanto às consequências que essa falta pode causar. A pergunta feita a elas foi: “O sr(a) acredita que a ausência de documentos influencia na perpetuação da religião?”

A Integrante 1 traz um discurso que compreende a umbanda de forma mais letrada, com livros que possam colaborar para a perpetuação da religião, mas entende também que a religião sofre com ataques preconceituosos e isso colabora para a retroversão de alguns praticantes.

Integrante 1: Acredito que até não seria tanto em documentos, porque eu creio que têm. O que nós temos é bastante para perpetuar, mas eu acho que o que existe na verdade é a intolerância, a discriminação. Esses são fatores que não permitem a perpetuação por conta desses fatores e outros mais. Mas vamos falar desses dois, porque hoje é o que mais se vê. Casas atacadas, quebrados os santos. Hoje em pleno século XXI ainda temos notícias de acontecimentos desse porte.

Essa compreensão de que há documentos capazes de levar a religião a se manter por anos, mas que também se faz necessário manter e continuar com a prática da oralidade, pode ser compreendida como curiosa pois demonstra a possibilidade de existir harmonia entre duas formas de se perpetuar uma cultura e sua prática religiosa.

Sobre isso, a Integrante 2, ao contrário da outra entrevistada, reconhece que a ausência de documentos pode influenciar na perpetuação da religião e exemplifica uma consequência dessa ausência em diversos terreiros de umbanda ao redor do Brasil, de modo que não seja possível ter um trabalho que seja base para todos os praticantes que seguem a religião. Porém, perguntada sobre a possibilidade de modificação da religião por ausência desses documentos, a entrevistada ressalta a importância e a necessidade de se haver mudanças como algo bom para o crescimento:

Integrante 2: Influencia. Porque a minha filha já esteve em terreiros no Rio Grande do Sul, Salvador, Paraná e têm coisas muito diferentes. Eu acho que enriquece, se torna mais rico. Porque para mim não quer dizer que o meu é melhor, só é diferente. Eu acho que o que nos enriquece é isso.

Nicolle: A senhora acha que a possibilidade de modificação da religião pode ser um problema?

Integrante 2: Eu penso que nada é estático. Então querer melhorar não tem nada de errado.

Interessante destacar a visão que a Integrante 2 tem acerca das modificações que a umbanda sofre, pois essas mudanças são comuns e estão constantemente ocorrendo. Essa modificação também pode ser relacionada com a noção de memória que foi apresentada anteriormente, mesmo havendo um diálogo com o passado, a memória continua sendo construída no presente, de modo que as transformações estão sempre acontecendo conforme as pessoas que as formam vão incluindo suas vivências e experiências.

A quinta pergunta feita às entrevistadas foi “O que o(a) sr(a) acha sobre as produções acadêmicas que tem a temática voltada para a umbanda?”, pois buscou-se analisar a forma como essas autoridades compreendem os estudos realizados com a temática da umbanda, e tentar analisar se existe alguma barreira que impeça o entendimento de terceiros acerca da religião.

A Integrante 1 compreende a necessidade de estudos que auxiliem na longevidade da religião para outras gerações. Além disso, ela afirma buscar sempre informações que sejam de nível acadêmico e busca passar adiante informações que possam servir para outras pessoas.

Integrante 1: Acho ótimo. Todos que eu tenha possibilidade de adquirir, presenciar, sempre me faço presente de adquirir. Porque hoje, volto até aquela pergunta, não é uma religião fechada. Então eu acho que é maravilhoso quando você recebe alguma informação a nível acadêmico.

A Integrante 2 foi mais concisa acerca da temática, mas também entende a necessidade de haver estudos que possuem a temática sobre as religiões, e a umbanda de forma mais específica, como explícito no seguinte trecho:

Integrante 2: Eu acho ótimo. Precisa ter mesmo, precisa se estudar sobre.

A última pergunta elaborada durante a entrevista foi: “Na casa espiritual que o(a) sr(a) frequenta possui algum tipo de registro que comprove a participação dos praticantes que passaram pelo terreiro?”, que tem o intuito de responder se há algum registro que comprove a presença de seus praticantes naquela casa no período vigente. Além disso, também busca comparar com as práticas documentais de outras religiões como o catolicismo, que documentam o desenvolvimento de seus praticantes como lista de catequistas e padres que já serviram a igreja.

Para isso, ambas as casas possuem documentos com informações parecidas, mas com propósitos distintos. O ponto que chama mais atenção é o fato de não haver muitos documentos que comprovem a existência desses fiéis, de modo que ambas as casas só comportam um documento.

Dessa forma, a Integrante 1 afirma haver uma lista de presença que precisa ser assinada por todos os componentes da casa antes dos encontros acontecerem. Assim que esses praticantes estão prontos para o início dos encontros, um dos integrantes distribui esse caderno próprio e são realizadas as assinaturas. A Integrante 1 explica que esse caderno serve como uma lista de presença para, caso necessário no futuro, se ter conhecimento de quem estava presente em cada gira<sup>4</sup>, além de servir de controle pelas dirigentes da casa.

Integrante 1: Nós temos a frequência. É um caderninho de frequência. Nesse caso seria um documento mesmo. Aí é o documento.

Nicolle: Mas então toda gira tem aquele documento?

Integrante 1: Toda gira. É anotado o dia, a gira a que se determina, a que se destina. Aí todos assinam. É igual um caderno de presença. Caso ocorra dúvida se algum integrante estava presente ou não. Temos também obrigações anotadas, recados das entidades ou recados entre os próprios praticantes também. Tudo documentado.

Ainda com relação à documentação, a Integrante 1 também explicou a utilização da fotografia como forma de documentação a pouco tempo adotada pela casa. Sobre a temática da fotografia no geral, a entrevistada respondeu o seguinte:

---

<sup>4</sup> Nome que se dá ao culto da umbanda, acontece nas casas de umbanda e é constituída por orações, cânticos e pela invocação de entidades, que “descem” nos médiuns.

Integrante 1: Agora há pouco que eu tive a preocupação de começar a fotografar alguns eventos que acontecem, mas antes disso, ninguém se atentou nesse detalhe de tirar uma foto que servisse de documento, porque uma foto é um documento.

Muitas das vezes essas coisas não acontecem (registros fotográficos). Porque as festas acontecem, são feitas, mas nada é documentado.

Nicolle: Mas as entidades autorizam essa documentação por imagem?

Integrante 1: Às vezes sim, às vezes não. Quase sempre não. Pode fotografar, filmar, mas a entidade precisa autorizar. Então, muitas vezes a gente pergunta para eles se pode fotografar, se pode tirar foto da mesa, por exemplo. E, honestamente, não vejo nada demais em fotografar.

A integrante 2 relatou que ela não tinha conhecimento mais detalhado sobre esses documentos, pois a filha que era a responsável pelo setor administrativo da casa. Perguntado a filha sobre a temática, foi entendido que se trata de fichas que contenham todas as informações referentes a identidade do praticante, como nome completo, data de nascimento, e outras informações que sirvam de base para casos que haja necessidade dessas informações, como para algum trabalho a ser feito com as entidades pelo próprio praticante ou para a família. A filha da entrevistada afirmou também que cada integrante da casa possui esse cadastro, mas que não está atualizado e organizado como deveria, de modo a faltarem algumas informações.

Ao final das entrevistas, ainda houveram momentos de conversa que puderam servir de fontes informacionais para possíveis pesquisas futuramente, além de elucidar algumas dúvidas e curiosidades referentes ao funcionamento e pormenores da religião.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado com o intuito de compreender e expor os possíveis impactos que a ausência de documentos podem causar às religiões de matriz afro-brasileiras, e para isso se utilizou de entrevistas com duas autoridades nas casas de umbanda que ambas frequentam. A partir das respostas a essas entrevistas notou-se que há livros e documentos que possuem a temática voltada para a umbanda, porém não é de senso comum a utilização desses materiais, além de obras voltadas para essa temática não serem de fácil acesso para praticantes mais antigos, muito menos para os iniciados na religião.

O presente trabalho buscou caminhos que pudessem servir de alternativa acerca da análise de informações divergentes das idealizadas pelo colonialismo europeu que se faz muito presente na biblioteconomia por se tratar de uma área do conhecimento pautada nos ensinamentos europeus. Por isso, se viu a necessidade de analisar visões decoloniais que buscam novas formas de entender e tratar informações de culturas que não necessariamente registram, ou registram de maneiras diferentes da forma que conhecemos, como pela oralidade ou pela memória.

Apesar disso, a falta de um documento que sirva de base para a religião foi exposta como problemática pelas entrevistadas, pois impossibilita a padronização dos rituais e ensino da religião ao redor do território brasileiro. Essa divergência nas práticas de cada casa dificulta o estudo e a compreensão por parte de terceiros que não praticam a religião, o que colabora para que haja cada vez mais preconceito acerca da temática. Dessa forma, estudos que explorem o assunto se mostram cada vez mais importantes devido ao desconhecimento por parte da academia acerca do assunto, como também para que não haja mais a mistificação da religião como sendo algo secreto para a sociedade de maneira geral.

Quanto ao primeiro objetivo específico que busca conceituar e traçar um breve histórico acerca das religiões que moldaram a umbanda, foi cumprido e se fez necessário para que seja possível compreender a maneira que a umbanda se além de colaborar para com o entendimento da importância que a oralidade exerce desenvolveu, além de auxiliar na compreensão de alguns elementos que fazem parte dos rituais e da história da religião. Desta forma, torna-se mais fácil a análise, sobre essa cultura religiosa na maneira de perpetuar as informações para as

próximas gerações e, em consequência, possibilita a elucidação do objetivo geral deste estudo.

No que tange ao segundo objetivo específico da pesquisa que consiste em identificar a maneira que as crenças da umbanda são passadas para gerações seguintes, nota-se que a prática oral é utilizada com frequência no ensino da religião, de modo que as informações são passadas de acordo com a necessidade dos praticantes. Além disso, a oralidade na umbanda é compreendida como uma forma de conexão entre os mais velhos e os iniciados, de modo que os ensinamentos acerca do funcionamento da religião são passados de acordo com o tempo que aquela pessoa vivenciou a religião dentro de cada casa. Nesse sentido, a oralidade é vista como um meio que permita a facilidade na troca de informações no dia a dia da religião, permitindo mais agilidade nos ensinamentos conforme necessário.

Já o terceiro objetivo específico, que busca identificar a importância que a cultura oral e a religiosidade afro-brasileira exercem sobre a identidade brasileira, foi analisado, por meio de bibliografias, que a cultura brasileira foi moldada com diversas características africanas que se fazem presentes e foram consideradas essenciais para a formação da identidade brasileira. Porém, mesmo havendo a presença marcante dessas características não só da cultura africana, mas de diversas outras que também são marginalizadas, ainda é muito presente o preconceito que as religiões de matrizes afro-brasileiras no Brasil sofrem. Episódios de discriminação são recorrentes, de modo que os praticantes dessas religiões ainda se sentem amedrontados por expor suas crenças e vivenciá-las. Essa discriminação também pode se estender para a ausência de estudos sobre a temática, e consequentemente, menos informações acerca do assunto serão divulgadas para domínio público, fomentando-se um ciclo de desinformação.

Entendemos, ainda, que a ausência de documentos administrativos para auxiliar na organização das práticas realizadas nos terreiros pode se tornar um problema grave, de modo que influencie no próprio funcionamento das casas, como também não colaboram para a salvaguarda de informações que circulam naquela parcela da religião, auxiliando cada vez mais a desinformação cultural.

Por fim, é possível compreender também que a oralidade faz parte das características e da história da religião, de modo que romper com essa prática contada dentro dos terreiros, retira uma boa parte da identidade que a religião

carrega ao longo dos anos. Dessa maneira, a produção acadêmica é importante de comprovar e haver registro sobre o assunto, mas a importância de salvaguardar o uso da oralidade como forma de perpetuação da memória também é imprescindível.

Quanto a continuidade de outros estudos envolvendo a temática, além do que já foi exposto, se faz interessante uma abordagem mais detalhada das vivências e do dia a dia da religião como forma de expor e desmistificar uma crença que se sabe tão pouco, assim como auxiliar na popularização da umbanda. Há também a necessidade, em trabalhos posteriores, de dissertar acerca da decolonialidade, de modo a agregar a área da biblioteconomia e áreas adjacentes os ideais dessa escola de pensamento.

Conclui-se que a ausência de documentos é um fator problemático para a salvaguarda da memória de uma religião que é majoritariamente oralizada, assim como os impactos que essa ausência carrega consigo. Porém, extrair uma prática que é considerada identitária para uma cultura ocasiona em outras problemáticas, por isso se faz necessário a junção de ambas as formas, tanto da oralidade quanto da documentação, de maneira harmônica para que haja perpetuação e identidade.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. *In*: Schwarcz, Lilia M.; GOMES, Flávio. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 57-63. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63749220/dicionario\\_da\\_escravidao\\_alencastro\\_120200626-10823-kllglx-libre.pdf?1593194100=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAfrica\\_numeros\\_do\\_trafico\\_atlantico.pdf&Expires=1673961049&Signature=K8P83GX5GMkwRqbaxuVCWFt9LZ-Yu4noz-iVxPIGZwwrUebUbcf8ksAu5eFi7HLT8x5bzKBreSWNUHbvDkEtis9dd7~8TjgqLmWW2Sg-wTZ5ZaEAgi9CTIHMUGh1uNSHVOUcr0q5a0MfjT5H0ldqw7hG2isS6H68-vdWffDX9oee9E9rixbvYGNLZqu7GJTnjJY3vY5MRoUBEqXcTTwhspqNkhO6L36fRji3EC~qH2WvECAMzEw8rbHELe2AuoW3mjNoz9Mg-10C5zxxmV6I9-VG9QeERePqubYU7sHS9psozDEA1ZHW1vHUDuSDL5Gzumtk3VBeN0pv5oZeAzhPw\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63749220/dicionario_da_escravidao_alencastro_120200626-10823-kllglx-libre.pdf?1593194100=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAfrica_numeros_do_trafico_atlantico.pdf&Expires=1673961049&Signature=K8P83GX5GMkwRqbaxuVCWFt9LZ-Yu4noz-iVxPIGZwwrUebUbcf8ksAu5eFi7HLT8x5bzKBreSWNUHbvDkEtis9dd7~8TjgqLmWW2Sg-wTZ5ZaEAgi9CTIHMUGh1uNSHVOUcr0q5a0MfjT5H0ldqw7hG2isS6H68-vdWffDX9oee9E9rixbvYGNLZqu7GJTnjJY3vY5MRoUBEqXcTTwhspqNkhO6L36fRji3EC~qH2WvECAMzEw8rbHELe2AuoW3mjNoz9Mg-10C5zxxmV6I9-VG9QeERePqubYU7sHS9psozDEA1ZHW1vHUDuSDL5Gzumtk3VBeN0pv5oZeAzhPw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 17 jan. 2023.

BATISTA, Elton Luis Carmo. A formação do Candomblé: a história do mosaico religioso multicultural africano na Bahia do século XIX. **História do Axé**, [s.l.], out. 2022. Disponível em: <http://www.historiandoaxe.com.br/wp-content/uploads/2022/10/A-formacao-do-Candomble-A-historia-do-mosaico-religioso-multicultural-africano-na-Bahia-do-Seculo-XIX.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023. *ONLINE*.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Memória: entre o oral e o escrito. **História da Educação**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2002. ISSN 2236-3459. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30603/pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário. A companhia de Jesus, das origens ao acaso: uma proposta de análise historiográfica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 22, p. 13-27, jun. 2006. ISSN 1676-2584. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4893/art02\\_22.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4893/art02_22.pdf). Acesso em: 6 mar. 2023. *ONLINE*.

BONVINI, Emilio. Tradição oral afro-brasileira: as razões de uma vitalidade. **Projeto História**, [s.l.], v. 22, jan./jun. 2001. Seção Traduções. Ed. História e Oralidade. *ONLINE*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10729>. Acesso em: 14 set. 2022.

BONVINI, Emilio. Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração. *In*: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (orgs.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 147-162. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56267856/NUNES\\_Jose\\_Horta.\\_Historia\\_do\\_s](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56267856/NUNES_Jose_Horta._Historia_do_s)

aber\_lexical\_e\_constituicao\_de\_um\_lexico\_brasileiro-libre.pdf?1523199919=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNUNES\_Jose\_Horta\_Historia\_do\_saber\_lexic.pdf&Expires=1678287891&Signature=gbJRGziGqSSSieTJGliqBrZdWcd0eIP4VnnmtFZHDLhtlpnl-xLX~EQedP0g7OG2ym7Mkz-QudsNCBdq20LhM29DTxvYrMdBdyH6ZYZPOGWd4O-uTvHI4lLoAF6QzC1kucjiWZSD-V3vsh2bfsNnuVcZmZqSZQCVMRrbDc10j-E~u~dK6dYrXcEIBjQtiSC7BMHYWPcJ3yqPjYCZqp~sUHSDbHmixikcNKbH24WcZi2WnpLGf45ASvvgL12WREXXtBtm5CZ4D7oX3DLo~61zSDRz5iuBTQMqllyulj-t19RRjPojK192i48ISjLh05KcbcUkFXGSKceVcDD7evgs3g\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=142. Acesso em: 8 mar. 2023.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades 1. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 66-87. Disponível em: [https://www.academia.edu/36631344/O\\_BRASIL\\_RELIGIOSO\\_QUE\\_EMERGE\\_DO\\_CENSO\\_2010\\_CONSOLIDA%C3%87%C3%95ES\\_TEND%C3%8ANCIAS\\_E\\_PERPLEXIDADES\\_1](https://www.academia.edu/36631344/O_BRASIL_RELIGIOSO_QUE_EMERGE_DO_CENSO_2010_CONSOLIDA%C3%87%C3%95ES_TEND%C3%8ANCIAS_E_PERPLEXIDADES_1). Acesso em: 5 out. 2022.

CARELI, Marcia Regina Padrini. **A história da umbanda: ritos e rituais**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Religião)- Centro Universitário Internacional, EAD, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/696/MARCIA%20REGINA%20PADRINI%20CARELI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 fev. 2023.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. **Sociologia: revista da faculdade de letras da universidade do Porto**, Porto, v. 24, jul./dez. 2012. ISSN: 0872-3419. *ONLINE*. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

DOMEZI, Maria Cecília. **Religiões na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Paulinas, 2015. *ONLINE*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UeJDDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=related:hNV6aNWRMaQJ:scholar.google.com/&ots=eB5Ehj2VBb&sig=uGIN4G6d5386nZFzxcbZIBMPW\\_0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UeJDDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=related:hNV6aNWRMaQJ:scholar.google.com/&ots=eB5Ehj2VBb&sig=uGIN4G6d5386nZFzxcbZIBMPW_0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 20 set. 2022.

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**. 2023. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FERREIRA, Fernanda Flávia Martins. **Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política: histórias e novas trajetórias**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em:

[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-895PXN/1/disserta\\_\\_o\\_para\\_colegiado.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-895PXN/1/disserta__o_para_colegiado.pdf). Acesso em: 9 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. **REVER**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 271-294, 2019. Seção Subsídios. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/45173/29878>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva e memória social. **Morpheus**: revista eletrônica em ciências humanas, Rio de Janeiro, ano 8, n. 13, 2008. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 14 mar. 2023.

HAENISCH, P. R. L. Uma história pública da umbanda: a quem serviu (e ainda serve) o mito fundador sobre a origem dessa religião? *In*: . REPOSITÓRIO DE ANAIS DA ANPUH-GO, [S. l.], p. 508/518, 2022. Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/62>. Acesso em: 10 fev. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. *ONLINE*. ISBN 85-7115-038-9. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro 2010**. Diversidade cultural: religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf). Acesso em: 18 out. 2022.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**: filosofia espiritualista. 93. ed. Brasília: FEB, 2013. 526 p., 23 cm. Edição Histórica. ISBN 978-85-7328-728-8. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Espiritos.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado**: nações bantu, iorubá e fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. *ONLINE*. ISBN 978-85-347-0576-9. Disponível em:

[https://www.academia.edu/36576245/O\\_Candomble\\_bem\\_Explicado\\_George\\_Mauricio\\_pdf](https://www.academia.edu/36576245/O_Candomble_bem_Explicado_George_Mauricio_pdf). Acesso em: 24 jan. 2023.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Espiritismo no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008. Cadernos CERU, p. 171-185. *ONLINE*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11863/13640>. Acesso em: 1 dez. 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **SciELO Brazil**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, jul. 2008. Seção Religião e Sociedade. *ONLINE*. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/47BDMf6WkxTch9XK898QRYv/?format=html>. Acesso em: 5 dez. 2022.

LIMA, Lana Lage da Gama. O padroado e a sustentação do clero no Brasil colonial. **Saeculum**: revista de história, João Pessoa, n.30, jan./jun. 2014. História e História das religiões. *ONLINE*. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12146/22231-44226-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 out. 2022.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. O “livro sagrado” e a “invenção da tradição” na umbanda. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27.; 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. *ONLINE*. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370808655\\_ARQUIVO\\_Olivrosa\\_gradoeainvensaodatradicaonaumbanda.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370808655_ARQUIVO_Olivrosa_gradoeainvensaodatradicaonaumbanda.pdf). Acesso em: 4 maio 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: teoria e história, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-2012. Seção Debates ou espaços abertos. *ONLINE*. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 25 mar. 2023.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2012. *ONLINE*. Disponível em: <https://climatechangemoz.com/wp-content/uploads/2020/04/Metodologia-de-Pesquisa-Social-Richardson.pdf>. Acesso em: 16 maio 2023.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 2010. p. 69-64. *ONLINE*. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21728>. Acesso em: 15 maio 2023.

SANT'ANNA, Márcia. Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros. **IPHAN**, Brasília, dez. 2015. Disponível em: [http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/escravidao\\_no\\_brasil\\_os\\_terreiros\\_de\\_candomble\\_e\\_a\\_resistencia\\_cultural\\_dos\\_povos\\_negros.pdf](http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/escravidao_no_brasil_os_terreiros_de_candomble_e_a_resistencia_cultural_dos_povos_negros.pdf). Acesso em: 19 jan. 2023. *ONLINE*.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; Maciel, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **SciELO Brazil**, Rio de Janeiro, n. 31, 2008. Seção Educar em Revista. *ONLINE*. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-40602008000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2022.

SIMPÓSIO SAÚDE E ESPIRITUALIDADE, 1., 2019, Rio de Janeiro. **Simpósio [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.uerj.br/agenda/7462/simposio-saude-e-espiritualidade/>. Acesso em: 27 Jun. 2023.

SOUZA, Alberto Carlos de. A origem do samba no Brasil. *In*: SOUZA, Alberto Carlos de. **Humanidades e ciências humanas: uma reflexão social**. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 4-17. *ONLINE*. Disponível em: <file:///C:/Users/biblioteca/Downloads/3ef085c348f0f74d56ca400052fa20f5bd94c558.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SOUZA, Flavio da Silva de. Uma breve análise da laicidade brasileira. **Revista Hermenêutica**, Bahia, v. 14, n. 2, p. 117-138, 2014. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/hermeneutica/article/view/538/473>. Acesso em: 16 set. 2022.

SOUZA, Mariana de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008. *ONLINE*. ISBN 978-85-08-11458-0. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5646089/mod\\_resource/content/1/%C3%81frica%20e%20Brasil%20africano%20by%20Marina%20de%20Mello%20e%20Souza%20%28z-lib.org%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5646089/mod_resource/content/1/%C3%81frica%20e%20Brasil%20africano%20by%20Marina%20de%20Mello%20e%20Souza%20%28z-lib.org%29.pdf). Acesso em: 25 jan. 2023.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C.; RENAU, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de documento em arquivologia, biblioteconomia e museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220/234>. Acesso em: 2 maio 2023.

TEIXEIRA, Enise Barth. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, [s.l.], ano 1, n. 2, p. 177-201, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>. Acesso em: 26 maio 2023.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do catolicismo no Brasil: 1500-1889**. São Paulo: Santuário, 2016. *ONLINE*. ISBN 978-85-36-90410-8. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KnoqEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=a+hist%C3%B3ria+do+catolicismo+no+brasil&ots=WukiyqDKLH&sig=erxDVt31kwLwN7W\\_dj\\_G2Jstag0#v=onepage&q=a%20hist%C3%B3ria%20do%20catolicismo%20no%20brasil&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KnoqEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=a+hist%C3%B3ria+do+catolicismo+no+brasil&ots=WukiyqDKLH&sig=erxDVt31kwLwN7W_dj_G2Jstag0#v=onepage&q=a%20hist%C3%B3ria%20do%20catolicismo%20no%20brasil&f=false). Acesso em: 15 nov. 2022.

YAMAGUCHI, Hudinilson Kendy de Lima; SALES, Tatiana do Santos. Abará, Caruru e Vatapá: a influência da culinária africana na formação da identidade brasileira. **RELACult**, [s.l.], v. 6, n. 3, set./dez. 2020. e-ISSN 2525-7870. *ONLINE*. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1882/1305>. Acesso em: 25 jan. 2023.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/621>. Acesso em: 14 mar. 2023.

## ANEXO A- ROTEIRO ENTREVISTA

### Parte 1- Dados iniciais

- 1- Análise socioeconômica: nome; idade; gênero; profissão; raça/etnia; local de moradia.
- 2- Qual a formação do(a) sr(a)?
- 3- Qual o papel do(a) sr(a) dentro do terreiro?

### Parte 2- Questões principais

- 1- Sempre tive curiosidade com relação ao funcionamento da umbanda, mas nunca tive a oportunidade de pesquisar mais a fundo sobre a religião. Com a necessidade de realizar esse trabalho, a oportunidade apareceu e entendi que seria o momento ideal para sanar essas dúvidas, mas pesquisando mais a fundo a área, não consegui encontrar nenhum livro que servisse de base ou uma doutrina que explicasse a religião para outros praticantes. Por isso, existe algum livro ou documento que possa servir de guia ou base para a umbanda?
- 2- Como são passadas as informações acerca da história e funcionamento da religião?
- 3- A umbanda pode ser considerada uma religião de segredo? Se sim, por que?
- 4- O sr(a) acredita que a ausência de documentos influencia na perpetuação da religião?
- 5- O que o(a) sr(a) acha sobre as produções acadêmicas que tem a temática voltada para a umbanda?
- 6- Na casa espiritual que o(a) sr(a) frequenta possui algum tipo de registro que comprove a participação dos praticantes que passaram pelo terreiro?